

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
JEREMIAS BRASILEIRO

CONGADO EM UBERLÂNDIA
ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL,
1996-2006

UBERLÂNDIA
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
JEREMIAS BRASILEIRO

CONGADO EM UBERLÂNDIA:
ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL,
1996-2006

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Doutor Antonio de Almeida.

Uberlândia
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

BRASILEIRO, Jeremias. (1959)
Congado em Uberlândia
espaço de resistência e identidade cultural, 1996 - 2006
Jeremias Brasileiro – Uberlândia, 2006
74 fl.
Orientador: Professor Doutor Antonio de Almeida
Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia
Curso de Graduação em História
Inclui Bibliografia

Palavras Chaves: identidade, conflito, resistência e negociação.

JEREMIAS BRASILEIRO

CONGADO EM UBERLÂNDIA
ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL, 1996 - 2006

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Antonio de Almeida, Instituto de História
Universidade Federal de Uberlândia

Professora Dra. Maria Clara Tomaz Machado, Instituto de História
Universidade Federal de Uberlândia

Professora Ms. Renata Bitencourt Meira, Instituto de Música e Artes Cênicas
Universidade Federal de Uberlândia

Dedicatória



Minha memória de infância no Congado em Rio Paranaíba-MG, demolida no ano de 2003
Através dessa casa, dedico esse trabalho aos meus familiares, meus ancestrais e ancestrais

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. José Carlos Gomes da Silva pela valiosa contribuição durante o processo inicial de elaboração da presente Monografia. À Maria Clara Tomaz Machado pelo constante incentivo, mesmo quando fora da Academia me encontrava e ao Professor Antonio de Almeida, pelos primeiros direcionamentos em MTPH – Métodos, Técnicas e Pesquisa em História e pela orientação final do referido texto.

À Professora Rosângela Patriota, por ter sido ainda que não soubesse, importantíssima na trajetória acadêmica de postura ética desse autor. À Professora Célia Rocha Calvo pelas interessantes sugestões em Seminário de Pesquisa que mesmo silenciosamente, eu percebia que também serviam para mim.

À Cristina Lopreato por ajudar-me a entender que o meu silêncio poderia muito bem ser uma forma de insubmissão e à Professora Dilma Andrade de Paula que desde o primeiro instante percebera em mim também uma funcionalidade enquanto pesquisador da Cultura Afro - Brasileira com um perfil midiático.

Ao João Batista, Secretário da Coordenação do Curso de História, uma pessoa sempre solícita, quando de suas orientações necessitava. À Luciana Tavares por compartilhar comigo, angústias intelectuais durante o processo dessa pesquisa.

Às providenciosas revisões ortográficas gentilmente sinalizadas pelo Colega Alexandre Francisco Solano e à Eliane Alves Leal pela sua disposição voluntariosa no sentido de contribuir para a formatação final desse trabalho.

Aos Congadeiros de Uberlândia, motivo principal desse trabalho de Monografia.

Resumo

Essa monografia tem como finalidade o registro e análise de experiências políticas e culturais do Congado de Uberlândia. Os referenciais investigados dizem respeito às percepções das pessoas do Congado em relação à forma como são vistos por outros setores sociais, tais como: jornais e órgãos públicos. Também pretende contribuir para a compreensão do processo de formação de Ternos de Congado no atual contexto histórico de Uberlândia.

Palavras - Chaves: Identidade, conflito, resistência e negociação

Extracto

La monografía en cuestión tiene como finalidad el registro y análisis de experiencias políticas y culturales del Congado de Uberlândia. Los referenciales investigados dicen respecto a lo que perciben las persona involucradas en la fiesta del “Congado”, deseando así que otros setores sociales, como: periódicos e servicios públicos, lo miren de la misma forma; también se pretende con esto la comprensión del proceso de formación de Tiernos del Congado no nuevo contexto histórico en Uberlândia.

Palabras - llaves: Identidad, conflicto, resistencia e negociación

SUMÁRIO

Introdução.....	09
I Capítulo:	
O Congado e Sua Significação Social	14
1.1. Congadas	18
1.2. Congado.....	22
II Capítulo:	
O Congado Visto Sob Diferentes Olhares.	30
2.1. A Voz dos Populares.....	31
2.2. A Voz das Fontes Escritas.....	35
2.3. As Relações Políticas: resistências e negociações.....	42
III Capítulo:	
A Formação dos Novos Ternos de Congado: Ruptura ou Continuidade?	47
3.1. Origem dos Novos Grupos de Congado.....	47
3.2. Identidade Cultural dos Ternos de Congada.....	53
3.3. O Reflexo do aumento de Ternos na Organização das Congadas	58
Considerações Finais.....	64
Bibliografia.....	67

INTRODUÇÃO

O processo inicial de construção dessa monografia foi bastante conflituoso. Isto porque, o fato de lidar com um tema no qual se está inserido cotidianamente, ao contrário do senso comum, que identifica nesse contexto um privilégio antecipado, trouxe, para esse autor, muito mais problemas do que facilidades. Essa opção me obrigou a vivenciar um processo de vigilância e autocrítica constante, no sentido de evitar uma postura romântica do tema, o que considero tão pernicioso quanto seria a folclorização do mesmo.

O fazer parte do tema proposto suscitou análises interessantes, entre tantas, essa necessidade de se manter cautelosamente ético diante de um processo investigativo em que esse autor possui um laço emocional muito forte. Isso também me remete a uma indagação feita por Vieira Vasconcelos sobre “como associar tradição e educação popular em atuações sociais outras que não a publicação de textos?”¹. Acredito ser natural e instigante essa minha posição de educador popular autodidata e difusor da cultura afro-brasileira bem antes do meu ingresso na academia².

Contudo, junto com essa experiência apareceu uma outra situação em que alguns entrevistados que fizeram parte da pesquisa ficavam em dúvidas quanto a passar informações a um pesquisador cuja história pessoal de inserção no meio Congadeiro deixava - os receosos de que possíveis rituais específicos do Terno pudessem por ser socializados com outros Grupos. Diante desse primeiro conflito, é possível verificar a observação que faz Paul Thompson ao focar a relação entre um pesquisador íntimo ao contexto social e outro considerado alheio a tudo que o circunda:

o estranho pode pedir que lhe seja explicado o óbvio; enquanto o íntimo, na verdade pode se equivocar.[...] O estranho também tem a vantagem de estar de fora da teia de relações sociais locais e de manter posição de neutralidade e, assim, podem falar-lhe de maneira realmente reservada, com menos ansiedade, subsequente³.

Desse ponto de vista, percebe-se que, na visão de Paul Thompson, um entrevistador estranho à comunidade possuiria a vantagem de desconhecer o cotidiano das pessoas ali inseridas e, por não fazer parte dessas relações sociais, conseqüentemente teria oportunidades de ser mais bem sucedido. Foi interessante, no meu caso, observar que o

¹ VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Tempos e Memórias. Caminhos para o Sertanejo: Quem Conta Histórias? In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Olho D'água, 2004, p. 262.

² Tenho 09 livros publicados como autodidata, e tornei-me em 2005, Comandante Geral da Festa da Congada em Uberlândia.

³ THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 161-162.

gradual processo de pesquisa de campo provocou em mim questionamentos a respeito do papel social desenvolvido pelo pesquisador na interioridade do Congado e, ao mesmo tempo, ajudou-me a perceber o quanto é tênue o espaço limítrofe a distinguir o acadêmico do Congadeiro.

Dessa forma, precisa-se saber como adotar uma postura pragmática referente ao objeto estudado sem, contudo, destituí-lo de sua realidade. Esse dilema entre subjetividade e objetividade do conhecimento parece ser uma das exigências inerentes ao trabalho do historiador cuja função é tematizada por Eric Hobsbawm, ao afirmar que “os historiadores se lembrem de sua responsabilidade, que é, acima de tudo, a de se isentar das paixões de identidades políticas, mesmo se também as sentirmos⁴”.

Entendemos portanto, a consciência crítica, como fator de discernimento no instante de se produzir trabalhos acadêmicos e consideramos esse desafio importante para a formação de um intelectual, pois como bem lembra Maria Clara Tomaz Machado, “à medida que os historiadores aprendem a analisar e a interpretar temáticas engendradas pelo imaginário popular, inevitavelmente começam a refletir acerca da história como um processo de criação do conhecimento⁵.”

Diante disso, propomos estruturar esse texto através de alguns eixos temáticos a iniciar-se com as fontes orais. Por esse motivo, escolhemos o depoimento de pessoas envolvidas no aspecto interno e externo, tanto cultural quanto político, quando o assunto se refere ao Congado. Também por isso, buscamos a interpretação que Paul Thompson tem a respeito do entrevistador que:

deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar”.[...] A gravação possui um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras estão ali empregadas exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais e as nuances da incerteza, do humor, do fingimento, bem como a textura do dialeto⁶.

Um dos entrevistados foi João Rodrigues, popularmente conhecido por Bolinho. Aposentado, 65 anos, morador do Bairro Patrimônio, acompanha toda a trajetória cultural, social e política desse local considerado como o nascedouro urbano de aglomeração de negros na cidade de Uberlândia.

⁴ HOBSBAWM, Eric. J. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 22.

⁵ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular**: em busca de um referencial conceitual. Cadernos de História. Uberlândia: Gráfica da UFU, V. 5, nº 5, jan/dez.1994. p. 79.

⁶ THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 137-146.

João Rodrigues experienciou as atividades do Congado desde o início de sua vida e ainda adolescente, pôde vivenciar a luta dos negros para romper as barreiras raciais explícitas que existiam na Avenida Afonso Pena na década de 1960, conforme relata:

subindo pela Avenida Afonso Pena, o lado esquerdo era destinado aos brancos. Havia o bar da mineira, a confeitaria na hora e o bar da braceria. E os negros, o passeio dos negros ficava do lado direito. Quantas vezes eu passava diante do bar da mineira e lá estava aquele pessoal, a burguesia, tomando uísque, cerveja, e a gente passava do outro lado, com aquela vontade de entrar, mas não podia. Mesmo no Uberlândia Clube eles não aceitavam negros, nem para lavar banheiro⁷.

João Rodrigues continua em plena atividade no Congado, sendo um dos dançadores mais idosos do Terno Moçambique de Belém, situado no Bairro Santa Mônica. Muito do que se fala a respeito da discriminação racial em Uberlândia permanece nas lembranças das pessoas, que é muito difícil localizar esses fatos em documentos desse tempo, de maneira consistente. Entretanto, alguns periódicos de época publicizavam o preconceito racial das elites brancas em relação aos negros, conforme demonstra Newton Dângelo:

o cosmopolitismo esperado para Uberabinha seria aquele em que as diferenças deveriam ser segregadas, higienizadas, a fim de que o espaço público das ruas e praças fosse ocupado e construído à feição das famílias da elite uberabinhense⁸.

Esse preconceito sentido é visível nas fontes jornalísticas que não escondiam o processo discriminador da sociedade e ironicamente revela, a presença incômoda do negro em meio aos brancos, estaria fundamentado-a no mau cheiro exaurido pela pele: *a negrada faz roda nos passeios e as senhoras, si quizerem passar têm que desviar descendo do passeio ou sujeitar-se ao perfume, roçando num ou noutro jaratataico*⁹.

Surge, nesse sentido, o interesse de incluir no presente trabalho determinados elementos derivados das fontes orais por se tratar de pesquisa a envolver testemunhos. Nesse sentido, Samuel Rhaphael observa que a evidência oral torna possível escapar de algumas falhas dos documentos:

há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar, eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar [...] a evidência oral pode nos

⁷ Entrevista realizada no dia 11/03/06 por Jeremias Brasileiro.

⁸ DÂNGELO, Newton. **Aquele Povo Feliz, Que Ainda Não Sonhava com a Invenção do Rádio**: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 78.

⁹ *Jornal O BINÓCULO*, 16/04/1916. O termo Jaratataico se refere ao animal carnívoro de nome Jaritataca, que é preto, pele lisa e como ato de defesa, projeta um líquido fétido causador de náuseas nas pessoas. (Ibidem).

dar contextos novos que os documentos, por si mesmos, apesar de muito trabalhados, não fornecem¹⁰.

Outra entrevista revelou a importância em confrontar alguns documentos oficiais com a memória oral do entrevistado. Dessa forma, entrevistamos o Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, Sr. Deny Nascimento. Aposentado como músico da Banda Municipal de Uberlândia, com quase 70 anos de idade, Deny Nascimento representa a tradição de hereditariedade no exercício do cargo de Presidente da Irmandade, cuja origem remontaria ao seu bisavô.

É ainda de sua responsabilidade organizar a festa da Congada, repassando recursos aos grupos participantes, valores esses originários de subvenções sociais oriundas através da Secretaria Municipal de Cultura. Deny Nascimento administra, durante todo o ano, as atividades internas da Irmandade e dos 25 grupos existentes em Uberlândia.

Através de Deny Nascimento visualiza-se um outro detalhe pouco abordado no contexto do Congado na época escravocrata. Dificilmente, as famílias gostavam de assumir que seriam descendentes diretas de escravizados e isso se explicava no sentido de evitar o preconceito racial tão entranhado na sociedade brasileira no período pós-abolição, quando o negro era visto como sinônimo de atraso, ignorância e incapaz de se adequar ao trabalho formal. Para Deny Nascimento, o presente é resultado direto do passado:

Meu Avô veio da África, escravo da Família dos Pereiras, que batizou ele, registrou ele, que comprou ele. Aonde eu moro aqui, é dinheiro da escravidão. Meu Avô morava na tenda dos Morenos e foi juntando um dinheirinho com o Senhor dele, e isso que tenho aqui, é tudo dinheiro da escravidão. Essa parte do lado direito, da Cesário Alvim até aqui, (Avenida Cesário Alvim até a Rua Benjamin Constant), tudo isso foi do meu Pai. Mas o que fez ele perder tudo foi esse negócio de ser avalista, os outros não pagavam e ele tinha de pagar. Esse pedacinho aqui, se não era minha mãe segurar, ele teria vendido tudo também¹¹.

Houve escravizado que reunia, durante anos, recursos extras ao trabalho servil, na tentativa de adquirir pequenos lotes para a sobrevivência orgânica da família. No entanto, José Nunes Mendonça tece considerações a respeito dessa dificuldade do liberto em se inserir no modelo econômico pós-abolição e de adaptar-se ao capitalismo de mercado, mencionando o ponto de vista de Celso Furtado:

O entorpecimento econômico do país naquele período seria explicado por motivos de caráter social que atuavam especialmente sobre a distribuição

¹⁰ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, nº 19, set.1989/fev.1990, p. 230 - 231.

¹¹ Entrevista realizada em 29/04/2006, concedida a Jeremias Brasileiro.

de renda e a utilização da força de trabalho. Por não ter vivenciado hábitos de vida familiar, não desenvolveria a idéia de acumulação de riqueza. Ainda mais, seu rudimentar desenvolvimento mental era um limite para a definição de suas necessidades.¹²

Autores como Celso Furtado consideravam a situação do negro liberto pelo viés do sistema econômico, desconsiderando outros elementos de exclusão, como o não acesso ao sistema educacional, o preconceito racial por pigmentação de pele, fatores esses principais no impedimento a mobilidade social dos libertos pós-abolição.

No Congado, a existência de conflitos faz parte de um processo social muito dinâmico que, reelaborado constantemente, induz-nos a pensar na permanência de uma cultura popular no cotidiano da cidade. Dessa forma, tentamos desenvolver em três capítulos, alguns aspectos possíveis de configurar o Congado enquanto espaço de resistência e identidade cultural.

O primeiro Capítulo tem como finalidade conceituar principalmente as nomenclaturas Congadas e Congado no sentido de possibilitar por meio de uma análise teórica, o quanto as questões sociais também estão incrustadas na cotidianidade dos agentes Congadeiros.

No segundo Capítulo observamos a forma de tratamento dado aos componentes do Congado pela mídia impressa, verificando documentos de órgãos públicos e panfletos populares, publicações essas ocorridas no período de 1996 a 2006. Essas fontes escritas se tornam necessárias, pois entendemos a importância de identificarmos se ocorreram mudanças discursivas durante esses dez anos, ou se as falas da imprensa e dos populares permaneceram idênticas.

O terceiro Capítulo aborda alguns motivos que terminam por resultar na formação de novos Ternos de Congado e como essas mudanças poderiam ser consideradas responsáveis pela alteração do ritmo da festa durante a década compreendida entre 1996 a 2006.

¹² MENDONÇA, Joseli Nunes. **Cenas da abolição**: escravos e senhores no parlamento e na justiça. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 36.

I – CAPÍTULO

O Congado e Sua Significação Social

Partindo do princípio de que é bastante complexa a tentativa de estruturar um texto sem antes estabelecer determinados marcos teóricos, optamos por analisar inicialmente os conceitos incutidos nas nomenclaturas: Congadas e Congado.

Com isso acreditamos ser possível discutir a forma como as Congadas foram vistas na década de 1930, principalmente por Mário de Andrade. Não se trata também de um debate no sentido acadêmico e sim de um Mário de Andrade que, enquanto pesquisador popular, emitia vários juízos de valor referentes aos rituais da Congada, muitos dos quais, podem ser questionados. Seu trabalho parcial, sem a observância de alguns aspectos específicos¹³, existentes na interioridade das manifestações culturais congadeiras, deixou uma certa percepção folclorística a respeito das Congadas:

Mas está claro que numa excursão em que, por mais bem intencionados que fôssemos, predominava a liberdade do passeio e não a dedicação do estudo, com horas determinadas pra almoço e pra volta a São Paulo, pela tardinha, não era possível uma colheita sistemática que esgotasse os valores etnográficos do Moçambique, de Santa Isabel.¹⁴

Andrade imaginava encontrar um tradicionalismo do Reino do Congo, por meio de cantorias que pudessem retratar danças dramáticas que rememorassem de forma ordenada, ritos, batalhas e história: “a pobreza intelectual dos textos registrados, parece indicar uma possível não tradicionalidade de muitos deles”.¹⁵ Neste viés, o olhar de Andrade a respeito das Congadas e dos Moçambiques do interior paulista, desautorizava a existência musical desses Congadeiros, como algo que pudesse apresentar alguma qualidade. Mário de Andrade observava de forma preconceituosa, aquilo que percebia parecer atraso cultural dos Moçambiques:

Textos terrivelmente deformados. Isso caracteriza mais uma vez a passividade extrema com que também aqui no Brasil central, como no

¹³ ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas no Brasil**. 3º Tomo. Edição Organizada por Oneida Alvarenga, 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Pró-memória, 1982, p. 265. Embora se refira ao Moçambique de Santa Isabel, o autor deixa evidente a mesma observação no Moçambique da Cidade de Mogi, interior de São Paulo, chamando atenção apenas para uma indumentária mais elaborada.

¹⁴ Ibidem., 265.

¹⁵ Ibidem., 263.

Nordeste, os indivíduos decoram os textos sem quase nenhuma reação intelectual, sem mesmo, por assim dizer, quase nenhum esforço, nenhum desejo de compreender. Os textos vão se deformando por falhas de memória, assonâncias, associações, etimologias populares, etc, e ficam muitas vezes irreconhecíveis.¹⁶

Essa textualidade cultivada em relação a esses produtores culturais Congadeiros, também classificados como se fossem determinados objetos expostos para ser observados: “indivíduos, todos machos, com exceção da rainha e das duas Porta-Bandeiras, caipirinhas novas e dançadores na maioria brancos, caipiras legítimos, salientando ainda que o próprio mestre era caipira, sem traço de sangue negro”,¹⁷ denotaria um Mário de Andrade decepcionado por não conseguir encaixar esses Moçambiques dentro de uma fundamentação teórica das danças dramáticas, tal qual procuradas no Nordeste do Brasil:

O Moçambique de Mogi confirmou minha sensação anterior que este bailado não representa exatamente o conceito essencial duma dança - dramática, porque, muito embora os textos de suas cantigas às vezes se refiram a guerras e pareçam conceber coreografia historiada, nem esses textos apresentam a menor possibilidade de seriação, nem é possível perceber nenhuma história, nenhuma exposição dramática nem na coreografia, nem nada.¹⁸

Consecutivamente, um teor etnocêntrico identificava o “rei negro velho, de raça provavelmente pura e a rainha, também uma negra velha, bem arranjadinha, toda de branco”¹⁹, denotando a forma como eram vistos, os Congadeiros do interior paulista, na década de 1930, quer fossem brancos ou negros. Contudo, independentemente da cor, seriam vistos como resultantes de uma categoria intelectual atípica, observando a existência de “uma congada paupérrima sob qualquer ponto de vista”, e “uma coreografia miserável” cuja “indiferença, falta de controle intelectual ou de sentimento, com que os louvores eram entoados, seria total”.²⁰

Por um ideal imaginado e preconcebido do que para o intelectual deveria ser a cultura popular, talvez, Mário de Andrade, tenha se equivocado quanto às manifestações congadeiras, pois, acreditamos que as Congadas não poderiam e nem podem ser comparadas em relação ao que conceituou-se como sendo “cultura erudita”. Vale ressaltar

¹⁶ ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas no Brasil**. 3º Tomo. Edição Organizada por Oneida Alvarenga, 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Pró-memória, 1982, p. 200.

¹⁷ Idem., p. 200.

¹⁸ Ibidem., p. 265

¹⁹ Ibidem., p. 244.

²⁰ Ibidem., p. 200 e 246.

que a cultura popular se manifesta de maneira diferente da cultura erudita, mas por tal motivo não deve ser vista como possuidora de uma ausência intelectual ou sentimental.

Diante disso, possivelmente, Mário de Andrade talvez tivesse uma leitura melhor sobre as Congadas e o Congado, se fosse hoje vivo. Lembramos que Mário de Andrade teve a sua produção intelectual no período do nacionalismo e do populismo efervescente e que de certa maneira se comportava como outros folcloristas que registravam dados sobre os informantes e seu contexto, embora ainda distante das ciências humanas mais críticas e relativizadas, considerando uma diversidade de olhares. É preciso reconhecer ainda que dentro do contexto histórico e dos limites acadêmicos, Mário de Andrade atuou concretamente na luta por recursos públicos, por espaços em jornais e rádios, para valorizar a cultura popular.

Como parte de um projeto dominante, a identidade de um povo passou a ser construída para manter uma estrutura territorial a partir da década de 1920 no Brasil. A idéia de norma culta nesse sentido, seria um fator utilizado como critério de política cultural. O Estado se torna em um produtor de tradições como suporte para se criar uma memória nacional. Em 1922, surge o modernismo, o movimento de vanguarda, movimento cultural surgido em São Paulo e Rio de Janeiro. O modernismo tinha como projeto a idéia do bom nativismo, a busca idealizada da virgem terra mãe, a cultura popular construída pelos intelectuais. Esses modernistas vão ser os responsáveis pelo olhar do Brasil interior de índios, sertanejos, mestiços e negros, na perspectiva de levar o desenvolvimento para os chamados rincões do País.

Assim, o conceito de nação no Brasil se desenvolve de forma singular e complexa, pois não havia um território definido enquanto tradição de ancestralidade, como se os povos indígenas habitantes seculares do País, não fossem portadores de tradições. A identidade nacional será projetada ideologicamente pelo Estado que ao excluir as diversidades culturais, sociais, econômicas e políticas das regiões brasileiras, produz uma idéia ou sentimento de nação que abraça a todos como se fossem iguais e o termo brasileiro junto com a criação de símbolos surgem como capazes de promoverem uma possível coesão nacional.

O motivo do nome Congo ainda ser permanentemente citado nas Congadas de Minas Gerais e em outras localidades em todo o Brasil, sugere-se que, levando em consideração a diversidade dos rituais das Congadas, essa ancestralidade memorial do

Congo, independentemente da forma como se chegou à colônia brasileira no período escravocrata, constantemente reatualizada, sobrevive até hoje.

De acordo com Nicolás Ngou-Mve,²¹ a categoria Congo, amplamente empregada nas Américas, se originaria de povos que falavam uma língua ancestral, o bantu. Esses grupos étnicos se expandiram a partir do ano mil antes da era cristã, até por volta de 1200, quando cessam o período migratório e se estabelecem às margens do que vai ser denominado Rio Congo. Conforme observa o autor: *hacia 1200, se situa el fin de migraciones desde el núcleo proto-bantú llamado Congo, que partindo de Nok, em el ano 1000 A.J.C, se instalan em el sur Del Rio Congo o Zaire imponténdose*²²

O Congo não seria apenas uma memória distante, mas uma lembrança presente. Não se trataria de uma tradição incinerada no passado e sim de uma permanência na modernidade. Há registros que apontam a existência de trezentas e vinte e seis cidades Congadeiras em Minas Gerais,²³ entretanto, o Congado de Uberlândia, devido a uma resistência cultural e política, se apresenta de uma forma peculiar no contexto do Estado de Minas. De certa forma, a respeito do Congado mineiro, Glaura Lucas²⁴, em os Sons do Rosário, comenta:

Em Minas Gerais, a organização social dos primórdios da capitania esteve intimamente vinculada às irmandades, confrarias e Ordens Terceiras. Era permitido aos negros incluir, nas celebrações de devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos, certos rituais africanos como a coroação de reis e rainhas, além de poderem fazer uso de seus instrumentos de percussão na execução de suas músicas e danças.²⁵

Nas Congadas existiria a consumação do Congado. Os desfiles, as procissões, os cantos, as danças e coroados. Reis festeiros, reis de congo e reis perpétuos não seriam “vagueações” como Mário de Andrade dizia. As Congadas representariam muito mais que danças dramáticas a rememorar fatos históricos, elas permitiriam ainda o encontrar de

²¹ NGOU-MVE, Nicolás. **El África Bantú Em Lá Colonización de México (1595 – 1640)**. Agência Española de Cooperación Internacional: Madrid, 1994. O autor pontua pragmaticamente a formação do Reino do Congo por meio do tronco lingüístico denominado bantú e de como se processaram a expansão territorial, política, econômica e cultural do Congo antes da chegada dos portugueses no século XV.

²² Ibidem., p.14.

²³ Instituto de Geociências Aplicadas – IGA, Belo Horizonte. **Atlas de Festas Populares do Estado de Minas Gerais**. IGA/FAPEMIG, 1998, p. 32-33. Arquivo da Diretoria de Memória e Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, 2006.

²⁴ LUCAS, Glaura. **Os Sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 45 –51.

²⁵ LUCAS, Glaura. **Os Sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 44 - 45.

peessoas numa relação intergeracional a propiciar manutenção de laços sociais dos componentes Congadeiros.

O Congado, dessa perspectiva, se comporia de diversos elementos estruturantes responsáveis pela resistência cotidiana de seus membros. Considerando esse viés, seria perceptível a sensação de que o Congado na cidade de Uberlândia, se manteria continuamente ativo. Essas atividades seriam realizadas durante todo o ano e fortaleceriam a unidade cultural dos Congadeiros uberlandenses.

1.1 - Congadas

Por serem constituída principalmente de ritualidades e de imagens encenadas, as Congadas representam o festejo final do Congado. Esse ápice força os Ternos a se produzirem conforme o contexto histórico-cultural no qual se encontram inseridos e tal exigência obriga os grupos de Uberlândia a se preocupar anualmente com a produção de indumentárias estilizadas.

Nem por isso as Congadas se traduziriam em espetáculos folclóricos compostos por danças dramáticas passíveis de serem nacionalizadas, como assinala Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti²⁶ ao comentar Mário de Andrade: “tratava-se de um folclorista à revelia [...] sua pesquisa está certamente permeada de juízos de valor”. Valores esses transfigurados numa tentativa de nacionalizar a “cultura folclórica” dando a ela o status de brasilidade, “o bailado popular que melhor representava a nacionalidade”.²⁷

Mário de Andrade, porém, prognosticava o fim dessas danças dramáticas: “da maneira como as coisas vão indo, a sentença é de morte”.²⁸ Parte dessa idéia residiria na impossibilidade de compactar as danças dramáticas numa formulação teórica, face a mobilidade natural das mesmas “em estado de permanente mutação, que contrariava o desejo de “fixar” uma forma expressiva como ideal”.²⁹ Esse desejo estaria vinculado à uma

²⁶ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. Vol.19 nº 54. Fevereiro, 2004, p. 5. No referido texto, a autora faz uma análise a respeito das danças dramáticas na Obra de Mário de Andrade.

²⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. Vol.19 nº 54. Fevereiro, 2004, p. 05.

²⁸ Ibidem., p. 22.

²⁹ Ibidem., p. 21.

possível “idéia do bom tempo de outrora quando as produções populares não apresentavam descontinuidades, eram coerentes e facilmente acessíveis a interpretações”.³⁰

Por esse viés, as Congadas poderiam ser interpretadas como tradições culturais imóveis a lembrar tempos passados, surgindo dessa perspectiva a importância de proteger esse “patrimônio folclórico” constituído de crenças e de ritualidades populares. O folclore então destituído de seu sentido ontológico: conjunto de costumes culturais representativos de práticas populares capazes de organizar-se e mutar-se de conformidade com a época vivenciada, transformar-se-ia em um produto estranho, curioso, exótico, a proporcionar espetáculos públicos.

Todavia, as Congadas suscitam indagações, posto que as suas especificidades induzem a pensar no quanto essas danças estariam presentes na urbanidade do município de Uberlândia. Esses festejos são representados por um grupo cultural e étnico composto quase que na sua totalidade de afrodescendentes, contrariando realidade de uma estimativa desenhada da população próxima a 42% identificados como negros ou pardos³¹. Contudo, esse enorme contingente de homens e mulheres passa despercebido no cotidiano urbano e surge geralmente de forma inusitada, no mês de outubro, época em que se realiza a festa da Congada, cuja forma de expressividade constante estaria fundamentada na comunicação oral. Essa poética musical tão inerente à cultura afro-brasileira se apresentaria cotidianamente na oralidade dos praticantes Congadeiros e por isso, Celso Prudente³² observa que:

o negro brasileiro diante da diáspora e da necessidade de permanecer no Brasil devido ao processo escravocrata, começa então a estabelecer conceitos existenciais como forma de reprodução do universo cultural africano, e dessa forma era ele, o negro, o músico no período colonial, era ele que estava envolvido no que se poderia chamar de literatura, ainda que fosse uma literatura oral.

Dessa maneira, verificar-se-ia a existência de uma dinâmica cultural oriunda do Brasil colônia, cujas reminiscências orais são perceptíveis na forma de educação dos praticantes das Congadas ainda hoje no âmbito familiar. Pressupõe-se como pedagogia

³⁰ Ibidem, p. 23.

³¹ De acordo com dados estatísticos de 2001, 38,4% se declararam pardos e 7% consideram-se negros. Condições Socioeconômicas das Famílias de Uberlândia. CEPES/ Universidade Federal de Uberlândia, Nov/2001.

³² Discurso do Professor Doutor Celso Luiz Prudente, durante a realização do VII Congresso das Tradições Afro-Brasileiras de Uberlândia/ MG, em 17/09/2005. (Antropólogo e Cineasta, Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro, da USP/ NEIMB).

congadeira a dinâmica de aprendizagem desses ritos em consonância com a historicidade dos sujeitos sociais neles inseridos.

Por outro lado, as Congadas teriam seu ápice em dois dias de festejos. Nesse período, haveria o encontro de todos os grupos a desfilar pelas ruas centrais com seus cantos, suas gestualidades e seus modos percussivos específicos. Diante disso, poder-se-ia deduzir que nas Congadas se concentrariam uma multiplicidade de elementos capazes de caracterizar a festa enquanto reafirmação de identidades culturais: desfiles; procissões; missas campais; coroações de reis e rainhas; coroações dos Festeiros de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário; visitas recíprocas dos grupos; convidados da região e espectadores; longas caminhadas pelas ruas da cidade no segundo dia de festa; o levantamento dos mastros de São Benedito e de Nossa Senhora e de outros santos de devoção; o aglomeramento de pessoas e Congadeiros nos respectivos quartéis na hora do almoço, do jantar e a disputa deles pelos lugares públicos: ruas, avenidas, passeios e praças.

Todavia seria equivocado classificar a Congada de Uberlândia como fato folclórico passível de desintegrar-se a qualquer instante. Os diversos elementos do Congado provavelmente sugerem a existência de bases sólidas a manter continuamente esse costume cultural. Edward Palmer Thompson citando Carter em *Lex Custumuria* (1696), tem o seguinte conceito sobre a persistência das tradições populares:

um costume tem início e se desenvolve até atingir sua plenitude da seguinte maneira. Quando um ato razoável, uma vez praticado, é considerado bom, benéfico ao povo e agradável à natureza e à índole das pessoas, elas o usam e praticam repetidas vezes, assim, pela freqüente iteração e multiplicação do ato, ele se torna costume e se praticado sem interrupção desde tempos imemoriais, adquire força de lei.³³

Esse entendimento parece nortear o caso da Congada na cidade de Uberlândia cuja secularidade oficiosa e noventa anos de existência formal, fez com que o mesmo se transformasse em calendário cultural do município. Os marcos de memórias possíveis sinalizam para a década de 1930, como a época em que surgem de forma nomenclatural, os primeiros Ternos de Congado em Uberlândia, com algumas indicações em Atas da Irmandade remontando à década de 1916.

³³ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 86.

Outras memórias porém, apontam a existência de Ternos de Moçambiques³⁴ no Distrito de Santa Maria (atual Miraporanga) e no arraial de São Pedro do Uberabinha (Uberlândia) no ano de 1876. Nesse período os Ternos seriam identificados como grupo de Folias ou de Congos, e a própria festa não possuiria uma ordenação sistemática, o que acreditamos só começaria ocorrer com o surgimento oficial da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário³⁵:

Ao primeiro dia de novembro de 1916, na capela de Nossa Senhora do Rosário, presentes 25 irmãos fundadores deu-se leitura do compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Uberabinha aprovado por provisão diocesana de doze de julho do corrente ano de conformidade com quanto se acha lhe determinado procedeu-se por aclamação a eleição da mesa administrativa que deveria reger a mesma irmandade durante o seu primeiro ano compromissal.

Consideramos como memórias possíveis um conjunto de elementos apropriados individualmente por um determinado grupo de pessoas detentoras de uma experiência social e essas informações, transmitidas ou vivenciadas por diversos sujeitos, possibilitam uma confrontação de idéias capazes de proporcionar a investigação de dados temporais e aproximadamente, a certa época possível. Alessandro Portelli apresenta a seguinte concepção sobre o assunto:

Nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais. Então, o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis³⁶.

Essas memórias possíveis, entendemos sê-las também decorrência de um sistema de dados que podem ser ao mesmo tempo visualizados ou difíceis de ser compreendidos por meio de uma memória oral, cuja subjetividade poderia contradizer determinado marco estatístico ou por ele ser posta em dúvida. Nessa linha de raciocínio Alessandro Portelli afirma:

O marco das memórias possíveis é ao mesmo tempo, infinito, pois não há limite para o que as pessoas possam pensar ou recordar e, também, finito, pois há um limite que está fundado sobre um acontecimento muito específico. Desta forma, quando falamos dessas memórias individuais, há uma parte disso que se pode tratar como uma ferramenta comparativa e

³⁴ Ranulfo José Paulino diz: “os primeiros Ternos de Congado surgiram no Distrito de Santa Maria, foi de lá que nasceu o Moçambique que não era aceito no São Pedro de Uberabinha”. 15/11/1999.

³⁵ Livro de *Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário* no Período de 1916 a 1954. Irmandade de Senhora do Rosário de Uberabinha - Folha 01 - livro de Atas. 01 de Novembro de 1916.

³⁶ ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectivas**. UFU, jul/dez, 2001, jan/jul, 2002, p. 31.

estatística, porque há coisas que são compartilhadas e que se pode relatar, mas há outras coisas que são qualitativas, no sentido em que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, uma história pessoal, individual, um passado e um futuro individuais³⁷.

A comprovação de que existe dois marcos de memórias possíveis a respeito do Congado em Uberlândia³⁸, sendo um proveniente de um determinado marco oficial da Irmandade do Rosário e outro fundamentado em lembranças individuais, obrigaria o pesquisador a realizar um intenso exercício com base específica na empiricidade das fontes. Desse modo pensamos com maior cautela a respeito dos relatos empíricos e também da escrita nos documentos.

1.2 - Congado

Consideramos a formulação desses dois marcos teóricos: Congadas e Congado como elementos importantes para esse estudo de caso, tendo como objeto de pesquisa o Congado uberlandense. Postulamos, com isso, demonstrar que o sentido interpretativo e vaticinador³⁹ de Mário de Andrade sobre as danças dramáticas não podem ser aplicadas na realidade de Uberlândia.

A opção por essa História local se deve ao fato da existência de uma espécie de macro-História sobre o referido tema em âmbito nacional⁴⁰. Na História local entretanto, há muitos trabalhos a respeito desse tema que possibilita uma variedade de opções investigativas e é nesse sentido, a nossa tentativa de abordagens a respeito das estruturas internas do Congado como parte de um movimento sócio-cultural que se apresenta continuamente na cidade.

Partindo desse pressuposto, admitimos que as pesquisas e conclusões de Mário de Andrade, ao se situarem principalmente no eixo Norte/Nordeste e no interior de São Paulo,

³⁷ Ibidem., p. 32.

³⁸ Parece existir um silêncio a respeito de memórias sobre o Distrito de Miraporanga e seus Ternos de Moçambiques, por qual motivo essa memória foi silenciada ou silenciou-se, as fontes orais evitam falar, porém, esse assunto merece uma abordagem futura.

³⁹ Mário de Andrade acreditava que a degradação das danças através de uma ameaça da modernidade, levaria as danças dramáticas ao fim, quando citava: “da maneira como as coisas vão indo, a sentença é de morte”. (CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. Vol.19 nº 54. Fevereiro, 2004, p. 22)

⁴⁰ A esse respeito ver:

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. Conselho Estadual da Cultura, 1976.

SOUZA, Marina de Melo. **Reis Negros no Brasil Escravista. História da Festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

deram mais ênfase às características externas das práticas culturais populares sem adentrar muito nas singularidades cotidianas desses ritos. Por isso, o intuito da nossa análise é em reconhecer aspectos inéditos do Congado em Uberlândia, evidenciando seus diversos processos de coexistência social e na tentativa de compreender essas particularidades, buscamos a história local que é acima de tudo, entendida por Samuel Raphael da seguinte forma:

A história local não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida (..) Um projeto de história local, no entanto, pode gerar seus próprios arquivos e fontes, assim como usar aqueles que já foram depositados ou aglomerados nos arquivos públicos, e o historiador, mesmo que não tenha a intenção, irá, em breve, ver-se como guarda de todos os tipos de miscelânea (...) Ele terá acesso privilegiado às redes de informação que dependem da amizade e da palavra falada, às fontes não classificadas que estão guardadas como reservas pessoais e aos homens e mulheres que são documentos ambulantes, testemunhos vivos do passado. Ele pode acrescentar à palavra escrita, a falada, e invocar a evidência visual do ambiente, a iconografia e ruínas domésticas⁴¹.

O Congado em Uberlândia designaria essa espacialidade simbólica na qual estariam inseridas as ações realizadas pelos Congadeiros durante todo o ano e nos dias antecedentes ao festejar coletivo das Congadas. Essas atividades perpassariam por diferentes formas de práticas culturais religiosas, confirmando uma estratégia consciente de resistências cotidianas: as novenas rezadas nas residências de devotos e o novenário a envolver intercaladamente todos os grupos na Praça do Rosário.

Fazem parte da sociabilidade em torno de evento religioso que percorre o ano inteiro, as macarronetes do mês de maio; os arraiais congadeiros em épocas de festejos juninos; oficinas de artesanato, percussão, culinária, bordado em pedraria; atividades recreativas para as crianças; as congalinhas do mês de julho; torneio de futebol dos congos; samba dos congos nos bairros, agregando dança de rua, dança de salão e capoeira.

Também acontecem seminários para discutir problemas de saúde, desemprego, habitação, moradia, gravidez na adolescência; alcoolismo, drogas e doenças sexualmente transmissíveis; passeata de protesto político; escolha das cantorias, das indumentárias, dos instrumentos, os ensaios para adaptar novos componentes à estrutura do Terno e até as caminhadas em busca de gêneros alimentícios para preparar almoço e lanches, dos quais participam tanto os Congadeiros, quanto os seus acompanhantes e convidados de outras

⁴¹ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, n° 19, set.1989/fev.1990, p. 237-238.

localidades. Dessa maneira, fica perceptível que o Congado torna-se em “uma teia de relacionamentos que vai muito além do visível⁴²”.

Essa materialidade própria do Congado, estaria passando talvez, de certa maneira despercebida, visto ser mais conhecido os desdobramentos dos aspectos culturais-festivos, e o entorno dos acontecimentos visuais: danças, desfiles, coreografias, cores, e outros movimentos muitas vezes surgidos de improviso no ápice da festa.

Desse modo, a existência de diferenças entre os grupos e intragrupos, são de certa forma silenciados e fica uma sensação forçada de que os relacionamentos entre os membros são sempre baseados em relações sociais de reciprocidade mútua, como se formassem uma comunidade congadeira imune aos conflitos que permeiam todos os grupos sociais.

Consequência disso, as memórias sociais e urbanas dos participantes do Congado ficam em segundo plano, muitas das quais podem mesmo parecer problemáticas por se traduzir em manifestação reivindicatória. Importante então se faz observar Peter Burke a nos dizer:

Para entender os mecanismos da memória social do esquecer, as regras de exclusão, supressão ou repressão e a questão de quem esqueça o que e por quê. A amnésia se relaciona a anistia, com o que se chamava de atos de esquecimento, a obliteração oficial de memórias em conflitos no interesse da coesão social⁴³.

Do mesmo modo, poderiam nas Congadas existir esses esquecimentos temporais, uma vez que as agruras diárias da vida estariam presentes no interior do Congado. Para tanto, recorremos a Marieta de Moraes Ferreira, a nos falar que “a necessidade social de se estudar a história recente tem levado os historiadores a rever suas posições quanto a obrigação da distância no tempo para análise histórica”. Poderíamos pensar ainda no quanto de transformações podem ocorrer em uma década, diante da aceleração da vida nos tempos modernos: “Assim, a proximidade, ao invés de um problema pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade⁴⁴”.

Tomando por base essas conjecturas, perceber-se-ia no Congado um esforço social por existir de maneira quase imperceptível no cotidiano da cidade de Uberlândia. Isso nos remete a Eric Hobsbawm, ao afirmar que quando temos o presente como história e

⁴² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. Campinas/SP: Papyrus Editora, 1989, p. 188.

⁴³ BURKE, Peter. História Como Memória Social. In: **Variedades da História Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 86.

⁴⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. Uma História do Tempo Presente é Possível? In: **Nossa História**, Ano 2/nº 14, dez/04. Biblioteca Nacional, 2004, p. 98.

escrevemos sobre nosso próprio tempo, “é inevitável que a experiência pessoal desses tempos modelem a maneira como os vemos, e até a maneira como avaliamos a evidência à qual todos nós, não obstante nossas opiniões, devemos recorrer e apresentar⁴⁵”.

Situar-se nesse campo de reflexão possível, ajudaria no entendimento sobre a possibilidade de tornar esse Congado que não se vê, em objeto visível no contexto histórico, tanto do ponto de vista cultural quanto político e social. Nesse aspecto, temos a seguinte observação de Samuel Raphael ao comentar sobre histórias locais:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível do desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado [...]. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostos, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais [...]. Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quaisquer materiais que estejam à disposição no local ou a estrutura não se manterá⁴⁶.

Investigar de forma também cuidadosamente empírica o Congado em Uberlândia pode contribuir em muito para a elaboração desse trabalho. Conforme salienta Déa Ribeiro Fenelon: “nenhuma teoria pode ser pensada como capaz de dispensar a investigação empírica sobre a realidade⁴⁷”. Em, *Limites e Possibilidades de uma Nova História Cultural*, Márcia Janet Espig pondera a respeito do material empírico:

A revalorização de pesquisa empírica que vem se operando sob uma influência antropológica, está recolocando para o historiador a importância deste momento dentro de seu processo de trabalho. Hoje, a discussão teórica pura e abstrata não encontra espaço. A teoria – ou melhor, as teorias – já não devem ser tratadas com rigidez extrema, mas serem depuradas e refinadas no contato com o material empírico⁴⁸.

Com isso pretendemos sinalizar ainda, que ao optarmos pela pesquisa sobre o Congado em Uberlândia, pensamos investigar apenas uma parte do assunto sem querer torná-lo em uma voz conceitual uníssona a ser seguida por pesquisadores. Márcia Janet Espig nos lembra: “uma obra de história, hoje, não é considerada idealmente como a voz da História, mas sim como uma interpretação, uma representação produzida por um historiador sobre determinado tema e sob um determinado enfoque⁴⁹”.

⁴⁵ HOBBSBAWM, Eric. J. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 245.

⁴⁶ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, nº 19, set.1989/fev.1990, p. 220.

⁴⁷ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular. IN: *História e Perspectiva*, Nº 6 – Universidade Federal de Uberlândia, 1992, p. 16.

⁴⁸ ESPIG, Márcia Janet. **Limites e Possibilidades de Uma Nova História Cultural**. Juiz de Fora: EDUFJF, V. 4, nº 1, 1998, p. 09.

⁴⁹ *Ibidem.*, p. 17.

Mesmo assim, o pesquisador precisa estar atento para evitar a romantização acadêmica dos estudos de casos investigados que podem ser destituídos mesmo de suas singularidades específicas. Nesse contexto, se torna necessário ouvir Márcia Janet Espig citando o que Peter Burke tem a nos dizer sobre a constituição de uma boa explicação histórica:

Dentro da Nova História Cultural, em especial, encontramos uma diversidade teórica que prima justamente pela ausência de ortodoxias, isso não significa, no entanto, que se devam abraçar reducionismo de qualquer espécie, ou mesmo que auxílio teórico deva ser deslocado para um segundo plano. Significa, isto sim, que a teoria reveste-se hoje de uma maior flexibilidade. Retirar desta flexibilidade teórica todo o seu potencial, sem recair, porém, em síntese esdrúxulas, eis aí o atual desafio do historiador da cultura⁵⁰.

Pensar o Congado enquanto expressão de uma cultura popular possibilita um melhor entendimento do papel desempenhado pelos agentes Congadeiros, no interior de suas residências, fora do período das Congadas, e de como tal hábito diário de vivenciar o Congado possivelmente ajuda na manutenção de uma simbologia própria. A fundadora do Pró-Mirin Estrela Guia do Amanhã, Iara Aparecida Ferreira, sintetiza o caráter socializante do Moçambique Estrela Guia durante entrevista⁵¹ no Jornal Correio de Uberlândia quando fala sobre as crianças do Bairro São Jorge:

Elas ficavam pelas ruas, aprendendo coisas que não lhes trariam nada no futuro. Eu me incomodava com isso e queria também que o grupo não ficasse restrito à Festa da Congada em outubro [...] Com o passar dos meses, fomos conquistando a confiança dos empresários locais que nos cederam o suficiente para fazermos um puxado e tirar os meninos do sol [...]. Criança ociosa era o que mais existia no São Jorge. Um Bairro que está cheio de criminalidade. Elas aprendiam só coisas da rua e por isso, qualquer iniciativa que ajude estes jovens tem apoio da comunidade. Hoje, eles ocupam seu tempo com arte, diversão e uma profissão.

Atendendo mais de duzentas crianças e adolescentes por semestre, o Moçambique Estrela Guia exemplificaria a realidade do Congado de Uberlândia. Os responsáveis pelo Terno se preocupam com as questões sociais, acompanham o desempenho escolar dos jovens dançadores e buscam por meio da solidariedade e de projetos, uma forma de incentivar seus participantes a contribuir para o crescimento intelectual desses adolescentes Congadeiros.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Refere-se às oficinas realizadas pelo Terno durante todo o ano, no sentido de manter as crianças e adolescentes ocupadas, quando não estão na escola. (TIBÚRCIO, Luciana. **Uma Estrela Guia para os jovens do São Jorge**: com pouca ajuda, Pró-Mirim ensina profissões em oficinas semanais. Uberlândia: Jornal Correio, Revista, C. 2, 18/05/2006).



Crianças e adolescentes do Projeto Pró Mirim Estrela Guia do Amanhã, no Quartel do Terno Moçambique Estrela Guia, do Bairro São Jorge em Uberlândia. Arquivo: Iara Aparecida, responsável pelo trabalho social desenvolvido junto à comunidade. Maio/2006.

O Congado, ao se constituir de valores simbólicos diferenciados da imagem de progresso constituída pelas elites uberlandenses, condiciona o pesquisador a se entranhar nesse universo, na tentativa de conseguir um estudo analítico, pois, ao que tudo indica, essa resistência cultural em Uberlândia estaria também vinculada, a um forte preconceito racial existente na cidade, apontada na leitura de Luis Carlos do Carmo:

É possível imaginar que o isolamento, a aglutinação dessas pessoas negras, seja nos espaços da cidade, seja nos locais de trabalho, tenham, nessas evidências, um vislumbre para essa forte motivação, que acabava compondo um misto de proteção e local de organização do ataque às normas urbanas da época. Pois os vizinhos e parentes, se próximos, possibilitariam, entre outros, o reconhecimento, a difusão da compreensão das inúmeras formas de relações estabelecidas em uma cidade com práticas segregacionistas tão explícitas⁵².

⁵² CARMO, Luis Carlos. **Função de Preto**: Trabalho e Cultura de Trabalhadores Negros em Uberlândia/MG 1945/1960. São Paulo, 2000. (Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica –PUC), p. 136).

O mesmo preconceito de que seriam vítimas, contribuiria para que as pessoas em seus redutos, criassem redes não de distanciamento, e sim de proteção e solidariedade. Essa rede social de autoproteção teria sido resultante de um outro estranhamento na cidade: o ajuntamento de negros também visto como sendo de cunho racista e preconceituoso, em que não se permitiria principalmente nos Ternos de Congado, a presença ativa das pessoas de pele branca. Por outro lado, as justificativas estariam no sentido não de discriminação, mas da dificuldade dos elementos brancos se internalizarem espiritualmente e ancestralisticamente na memória das Congadas e do Congado na cidade de Uberlândia.

Continuam entretanto, a existência de posturas individuais à procura de justificativas para retirar os festejos da Congada do centro da cidade. Exemplificando essas condutas, Donizete Francisco de Melo⁵³, morador da Rua Guilhermina Semplicia no Bairro Carajás, distribuiu no gabinete dos vereadores de Uberlândia o seguinte texto:

Solicito a V.S^a estudar a possibilidade de mudança do local e construção do Sambódromo no Parque do Sabiá onde ocorrerá desfiles das escolas de samba, festa do Congado, festa do Rosário e divulgação do Carnaval de Uberlândia. O local irá contribuir para o sucesso do carnaval e não ficará no esquecimento a cultura negra, como o Congado, São Benedito e Festa do Rosário. Inclusive os moradores próximos a Igreja do Rosário, reclamam do barulho, e o local não tem condições adequadas para abrigar os participantes. A própria classe vai administrar o Sambódromo, não necessitando de subvenção do Município para as escolas de samba.

Podemos salientar que nenhuma escrita é necessariamente verdadeira ou falsa e o fato do documento ser de natureza individual precisa também ser analisado criticamente. Observando alguns relatos orais, os mesmos reafirmam constantemente o processo de exclusão de que teriam sido vítimas os praticantes congadeiros desde o surgimento da primeira Igreja do Rosário, conforme deduz o memorialista Antonio Pereira:

A Igreja do Rosário de Uberlândia, seria construída na vertente direita do Córrego São Pedro, na descida do fundinho em direção à Avenida Rondon Pacheco. O Padre João da Cruz assumiu a Paróquia e resolveu construir a Igreja no meio da Praça Dr. Duarte. Só que a presença dos negros incomodava a elite da cidade e quando chegava a época da festa, os comerciantes e políticos ficavam inquietos, pois a Igreja ficava no centro do comércio local. Diz a tradição oral que Arlindo Teixeira com seu poder político, conseguiu tirar então a Igreja da Praça Dr. Duarte⁵⁴.

Percebemos que o envolvimento de lideranças políticas na construção da Igreja do Rosário na Praça Rui Barbosa, não seria nenhum ato de benevolência e sim uma estratégia para isolar os Congadeiros. Por esse motivo, a versão oficial que foi construída fundamenta

⁵³ Ofício entregue no dia 24/08/2006 a vários vereadores da Câmara Municipal de Uberlândia.

⁵⁴ Depoimento de Antonio Pereira da Silva a Jeremias Brasileiro, em Uberlândia, no dia 08/10/2004.

o engajamento dos políticos e dos comerciantes como benfeitores do terceiro surgimento da Igreja do Rosário:

A questão era que naquele espaço estava o miolo do comércio atacadista da cidade. Por isso, construiu-se novamente a Igreja na Praça Rui Barbosa com a frente voltada para a Rua Barão de Camargo. Só que essa rua também era nos fins do século XIX a moradia principal da elite: juízes, médicos, advogados e empresários. Assim, levaram a Igreja para o miolo da Praça Rui Barbosa tendo a sua frente distanciada da Rua Barão de Camargo.⁵⁵

Dessa forma, os vivencialistas congadeiros fizeram da oralidade uma opção para construírem os seus discursos de resistência cultural, o que remete-nos a Jaques Le Goff ao comentar que “a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem⁵⁶”.

Observamos desse modo, que as estratégias empreendidas pela elite uberlandense da década de 1930, no sentido de contribuir para a melhoria da festa da Congada, organizada pela Irmandade dos homens de cor, alterando o espaço simbólico da Igreja do Rosário por três vezes, constituía-se na realidade em um processo que publicamente pareceria de apoio efetivo à comunidade negra, mas que pelo contrário, tornava-se um alibi justificativo de isolamento territorial das práticas religiosas e culturais dos Congadeiros. Nestor Garcia observa que a utilização desse dispositivo complexo de “inclusão abstrata e exclusão concreta⁵⁷”, revela que o “*povo interessa como legitimador da hegemonia burguesa, mas incomoda como lugar do inculto por tudo aquilo que lhe falta*⁵⁸”.

Os sucessivos projetos de intervenções de práticas isolacionistas cultivadas naquelas décadas, se apresentam na atualidade sustentados em outros discursos que se fundamentam nas condições econômicas das famílias, quando essas se vêem forçadas a deixar seus bairros de origem, migrando para diferentes setores de Uberlândia. Esses novos desafios obrigam os Congadeiros a um retorno aos seus espaços anteriores, construindo junto a seus grupos de Congado várias dinâmicas de permanência cultural religiosa ao lado dos familiares que ainda se encontram enraizados nos locais onde nasceram.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento. In: **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Enciclopédia Einaudi. Vol. I, 1984, p. 98.

⁵⁷ Palavras citadas por Jesús Martín Barbeiro, *De Los Melios a Lãs Mediaciones*, México, Gustavo Gili, 1987. pp. 15-16.

⁵⁸ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. In: **A Encenação do Popular**. São Paulo: Edusp, 2000. p.208.

II CAPÍTULO

O Congado Visto Sob Diferentes Olhares

O popular que se encontra dentro do espaço do Congado parece possuir uma visão diversa daquele que observa o exterior dos acontecimentos. Por isso, indagar às vozes populares de fora, da razão de se sentirem às vezes incomodadas com a presença do Congado em frente às suas casas, os seus prédios, ou lojas comerciais, se torna tarefa árdua. Ainda que possuam opiniões negativas e desejem o Congado longe de seus olhares, oficialmente evitam assumir tais posicionamentos. Outros resolvem declarar, por meio de documentos, a necessidade de disciplinarização da Congada no centro da cidade, esses tem seus nomes preservados para evitar constrangimentos futuros.

Entretanto, essas tensões parecem indicar que não são poucas as pessoas insatisfeitas com a permanência do Congado, quando o mesmo situa-se nos arredores ou perto de suas moradias. No hipercentro da cidade, principalmente nas avenidas Floriano Peixoto e Afonso Pena, nas imediações da Praça Tubal Vilela até a Praça do Rosário, comerciantes e moradores de edifícios continuam a não ver com simpatia o agrupamento de Congadeiros no período de realização das Congadas.

Nem por isso pode-se generalizar essa insatisfação. Vez por outra há pessoas nas janelas, nas calçadas, nas garagens, principalmente idosos devotos de Nossa Senhora do Rosário e crianças encantadas com as cores; apreciando o acontecimento das Congadas, seus desfiles, suas danças, cantorias e percussões.

Em outra margem de disputa desses espaços públicos se apresentam os dançadores das Congadas e vivencialistas diários do Congado. Mesmo sendo ambos resultantes de um só universo congadeiro, nas Congadas denotam estar presente com maior ênfase, o sentido de reafirmação de uma territorialidade cultural que acreditam ter conquistado em mais de um século de persistências contínuas.

Nesse sentido, sequer o advento do progresso urbano e a rápida transformação da cidade de Uberlândia em uma metrópole de médio porte serviu como fato inibidor, pois os Congadeiros e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, instituíram várias formas de articulações e negociações para se posicionarem diante da estrutura sócio-política da cidade: sociedade civil, imprensa, Igreja Católica e Prefeitura.

2.1- A Voz dos Populares

Pensar o Congado enquanto expressão de uma cultura popular, possibilita um melhor entendimento do papel desempenhado por seus agentes, no interior de suas residências, fora do período das Congadas e de como esse hábito diário de vivenciar o Congado, possivelmente contribui para a manutenção de uma simbologia própria. Conseqüentemente, o Congado, ao se constituir de valores simbólicos diferenciados do perfil social de Uberlândia, condiciona o pesquisador a penetrar em sua interioridade na tentativa de conseguir um estudo analítico. Todavia, esse processo de natureza investigativa pode se tornar mais viável a partir do momento em que se possa fazer conexões *in loco* com a realidade cultural do Congado. É conveniente portanto retomar o debate que Maria Clara Tomaz Machado faz a respeito desse tema:

Se cultura é um modo específico de ver, sentir e representar o mundo em que se vive, para estudar as suas formas de representações culturais é preciso, antes de mais nada, penetrar pelo interior de uma determinada realidade social, desvendar a lógica de como essas representações foram constituídas e apresentam-se ao público o que pode estar presente nos gestos, na linguagem, nos seus referenciais de mundo, nas suas práticas cotidianas de trabalho, de lazer e religiosidade.⁵⁹

O Congado e as Congadas de Uberlândia apresentam uma multiplicidade de sentidos: às vezes é visto sob a perspectiva de um fenômeno urbano, outras vezes considerado “espetáculo folclórico” para atrair turistas, ora reivindicado pelos populares como resistência cultural dos negros e, por outro lado, mantenedor de relações ambíguas com os órgãos públicos, ora de aproximação, ora de distanciamento; tudo isso leva a sugerir uma vivência permanente de conflito entre o Congado e a cidade.

Na voz popular de um reclamante uberlandense cujo nome pediu para ser mantido em sigilo⁶⁰, percebe-se uma visão exterior compartilhada por várias pessoas a respeito do Congado em Uberlândia:

Eles são desobedientes, um senhor foi reclamar e eles fizeram gestos obscenos, eu não agüento mais, eu não gosto dessa coisa, também não entendo nada, mas parece que eles têm um falta de ritmo muito grande. Eu não gosto dessa coisa, a gente não consegue ver uma novela, para jantar,

⁵⁹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo Refazer de Práticas e Representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Orgs). **História e Cultura: espaços plurais**. Uberlândia: UFU/NEHAC. Aspectus, 2002, p. 336.

⁶⁰ Paul Thompson em *A Voz do Passado* (THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 263), observa que o temor dos gravadores é “bastante comum entre profissionais cuja ética de trabalho dá grande ênfase à confidencialidade e ao segredo, tais como funcionários públicos, ou gerentes de bancos”. Documenta ainda que “algumas pessoas podem opor-se à gravação, mas não a que se tomem notas” e salienta que após estar desligado o gravador, o informante poderia passar “informações que se pretende que o pesquisador fique sabendo como pano de fundo, mas em caráter confidencial” (e que, naturalmente, devem ser tratadas dentro desse espírito).

para dormir, é um sacrifício, porque a gente trabalha, a gente tem de levantar cedo, e é uma molecada, o pessoal tem até medo de denunciar, eles são violentos. Acho que eles deveriam ter um lugar só para eles, um local fechado, uma quadra, podia ser lá no parque do sabiá! eu não quero acabar com eles, sei que eles gostam dessa coisa, mas para mim isso é um verdadeiro inferno. Ficam até tarde da noite, acho que quem autoriza eles, deveria autorizar para eles bater na porta da casa deles, porque eles ficam batucando na frente da casa da gente, isso é mesmo um inferno.

Geralmente se percebe que o conflito estabelecido entre grupos de Congado e vizinhos, se concentra com maior evidência nas regiões mais próximas ao centro da cidade e de uma forma peculiar nos Bairros Santa Mônica, Tibery e Patrimônio. Dificilmente, essas reclamações surgem com documentos enviados à Irmandade do Rosário, quando muito, são denúncias encaminhadas ao Ministério Público, cuja voz se apresenta no Jornal Correio, expondo opinião do Promotor e Curador do Meio Ambiente Fábio Guedes:

A instituição apóia manifestações que representam a expressão da cultura nacional como as realizadas no Patrimônio. O promotor afirmou, entretanto, que deve haver um ponto comum entre essas manifestações e a rotina da comunidade. Na prática isso significa que as atividades não podem tolher o direito ao sossego, principalmente dos moradores que não participam das atividades culturais.⁶¹

Nas palavras de Ramon Rodrigues,⁶² verifica-se um outro campo de subversão da ordem pública e de como essa mesma “desordem” deveria ser controlada:

Aqui no Santa Mônica houve um tempo nos anos 90, em que chegaram policiais num camburão, todos eles de armas nas mãos, para ver o que a gente estava fazendo. Tinha sido uma denúncia anônima de pessoas que chegavam até a fotografar a nossa rua que também é um espaço cultural não só do Congado, mas do Bloco Aché e dos carnavalescos da cidade, mas no fim, eles tiveram que se adaptar ao nosso ritmo de viver, podem não gostar, mas precisam nos respeitar. Estamos aqui, no Bairro Santa Mônica, muito e muito antes de todos eles chegar.

Os espaços populares são justificados pelo tempo de chegada: quem chegou primeiro possui o direito adquirido e, dessa forma, o local do Moçambique de Belém, que fora uma região de brejo e de mato, teve, a partir da década de 1970, a sua ocupação por imigrantes. Mais tardiamente, nos anos 1980 e 1990, os prédios aparecem devido a expansão da Universidade Federal de Uberlândia, e a construção do Centro Administrativo da Prefeitura de Uberlândia na Avenida Anselmo Alves dos Santos, além da presença do

⁶¹ MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio**. Uberlândia: Jornal Correio, 29/01/2006.

⁶² Capitão do Moçambique de Belém, 03/10/2005.

Carrefour e Center Shopping, na Avenida João Naves de Ávila, que foram os responsáveis mais diretos pelo crescimento populacional.

Os dois discursos distintos apresentados podem ser representativos de um embate muito maior, que provavelmente acontece em outros setores da cidade no decorrer do ano e, sobretudo, a partir dos 40 dias antecedentes à festa da Congada, quando todos os Ternos começam seus ensaios e novenários, realizando visitas às residências de devotos, em qualquer ambiente de Uberlândia.

Situar pontos de vistas diversos como o modelo interpretativo da realidade do Congado, vista sob vários olhares, possibilita deduzir que os Congadeiros seriam aceitos, desde que não perturbassem o repouso dos moradores inquietos com tanta “algazarra”.

De outro lado, os componentes do Congado persistem com suas ritualidades em lugares de origem, denotando não se intimidar diante das pessoas descontentes com a presença coletiva de negros nos passeios ou em frente aos edifícios e estabelecimentos comerciais. Esses choques culturais de realidades diferentes, são plausíveis de serem notados através de fontes orais, o que nos remete a Paul Thompson ao dizer que:

A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial, ou então, a divergência poderá representar dois relatos permanente válidos a partir de pontos de vistas diferentes, os quais em conjunto, proporcionem pistas essenciais para a interpretação verdadeira.⁶³

As tentativas públicas de ordenamento social na acepção de evitar acanhamentos, especialmente de ordem sonora⁶⁴, aos habitantes após o período das 22:00h, impacta diretamente as manifestações populares. De tal sorte que o Congado e mais recentemente as Folias de Reis, por se tratarem de práticas culturais igualmente noturnas, em decorrência de que todos os foliões são trabalhadores; parecem, então, adequar-se e ao mesmo tempo criar estratégias para resistir e não serem suprimidos enquanto sujeitos históricos do lugar em que se encontram. O discurso de João Rodrigues⁶⁵, o popular Bolinho, do Bairro Patrimônio, ilustra essa resistência dos últimos remanescentes dos primeiros negros habitantes da região, na condição de escravizados:

O patrimônio, antes de essa burguesia vir parar aqui, tinha festa dia e noite. Hoje em dia a burguesia chegou pra cá e estão querendo nos pressionar com isso. Nós já estamos aqui há décadas, continuando nossa festa e eles nos pressionando. A festa mais sagrada que é a Festa dos Reis, a gente está rezando, soltando foguete e eles

⁶³ THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 307.

⁶⁴ A lei da Perturbação do Sossego Público, (mais conhecida como Lei do silêncio), implantada através do decreto 017/1991, no Município de Uberlândia, permite à Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente suspender eventos que estejam desrespeitando o referido decreto.

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 11/03/06 por Jeremias Brasileiro.

chamam a policia para vir acabar com a festa. Eu acho isso um absurdo, nós chegamos aqui primeiro, bem primeiro do que eles, mas não adianta, podem ameaçar, nós não vamos entregar, isso aqui é uma festa nossa e nós nunca vamos parar com essa festa.

Na entrevista realizada com João Rodrigues, aparece muito mais do que um confronto cultural estabelecido. Além da cultura popular, surge a diferença social como entrave de harmonia, entre os moradores novos que se isolam nos apartamentos e os mais antigos com as suas moradias simples. Seqüelas desse desencontro entre modos diferentes de viver em uma mesma área geográfica, seria a constituição de uma estrutura arquitetônica, resultante da dificuldade desses residentes atuais em aceitar os modos de existir cotidianos dos populares do Bairro Patrimônio.

Podem ser variados os artifícios de sobreviver utilizados pela cultura popular, quando em situação de estrangulamento previsível, esses modos de proceder são convenientemente analisados por Michel de Certeau, ao abordar a relação de dominantes e dominados e de como o que parece obediência pode transformar-se em tenacidade:

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, dos lados dos consumidores ou “dominados”, dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política.⁶⁶

Refletir a propósito dos procedimentos populares (minúsculos e cotidianos), como sinaliza Michel de Certeau, induz a comentar o Congado no cotidiano dos Congadeiros: reuniões dominicais com os capitães e madrinhas; encontros familiares em finais de semana; rodas de amigos nos bares, esquinas, quintais e tantos outros jeitos de fomentar discussões com enfoque no Congado.

Derivaria dessa freqüente interação, um reavivamento de compromissos junto a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e, também, no sentido de estabelecer estratégias possíveis para evitar uma maior desarticulação dos Congadeiros. Neirimar da Silva⁶⁷ diz que “o poder é o seguinte, na mesma hora que a gente vai lá, eles falam que tudo está bem, enfrentamos dificuldades depois, as coisas são de um jeito num

⁶⁶ CERTEAU, Michel de. Os modos de proceder da criatividade cotidiana. In: **A Invenção do Cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994, p. 41.

⁶⁷ Entrevista realizada no dia 21/08/2005.

lugar e vira de outro jeito na hora da gente dançar”. Igualmente, Ocimar Cândido Ferreira⁶⁸ aborda uma outra vertente de resistência, na qual se evidencia uma própria instituição católica com a sua dificuldade de entender o Congado: “Quando criamos o Terno, encontramos resistência de alguns moradores que nem sabiam o que era o Congado e principalmente da Igreja Católica do Bairro, que ao ver a gente dançando Moçambique, pensava que fosse coisa de feiticeiro, bruxaria”.

Essas vozes populares, provavelmente não estariam dissonantes em relação aos seus argumentos. Essas falas iriam ao encontro dos que desejariam uma Congada disciplinarizada, em um local específico, e de outro lado, os Congadeiros que almejam prosseguir com seus discursos de resistências individuais e coletivos.

2.2- A Voz das Fontes Escritas

Analisando algumas reportagens de jornais⁶⁹ produzidas de 1995 a 2006, vislumbra-se um novo direcionamento de discurso em contraposição àqueles realizados no início do século XX, conforme aponta Newton Dângelo:

A convivência próxima dos habitantes, numa cidade pequena e em que por vezes se confundem a dimensão privada e pública, tornava latente o conflito envolvendo o tipo de cidade que a elite política, letrada e econômica procurava imprimir à cidade, captado em vários poemas e artigos preconceituosos sobre o negro, sobre a mulher, os migrantes e os pobres.⁷⁰

Talvez que esses discursos mais recentes, possibilitando aos populares externarem suas opiniões, deriva de uma maior consciência crítica dos cidadãos em exercitarem seus direitos sociais. Diante disso, seria possível que a imprensa tenha se sentido na obrigação de ouvir e dar voz a esses populares, visto a dificuldade atual de negar tais existências no contexto histórico da cidade.

Além disso, a qualificação profissional de jovens repórteres oriundos de outras regiões, parece ter colaborado para uma maior visibilidade dos Congadeiros nos jornais, ainda que isso ocorra somente em vésperas e dias dos festejos das Congadas. Pode-se pensar ainda que as sociedades transformam-se rapidamente e que essas mudanças terminam por ser necessariamente observadas pelas vozes da imprensa uberlandense.

⁶⁸ Entrevista realizada no dia 23/07/2005.

⁶⁹ Referente a 15 (quinze) reportagens produzidas principalmente nos periódicos de Uberlândia: Jornal Correio, 1995; O Triângulo, 1999; Jornal Correio, 2006.

⁷⁰ DÂNGELO, Newton. **Aquele Povo Feliz, Que Ainda Não Sonhava com a Invenção do Rádio**: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 78.

Ainda assim, visualiza-se nos discursos jornalísticos, um certo tratamento despretensioso, apresentando as Congadas como um bailado de fé. É o que percebe-se em um texto confuso, publicado pelo Jornal o Triângulo:

Para se ter idéia do valor do evento é necessário ver e ouvir de perto a tradição que veio dos escravos e perdura mesmo com toda influência musical do estrangeirismo. O congadeiro é uma cultura de massa que contagiou os brancos também que pode ser visto no meio dos grupos fortificando ainda mais a festa.⁷¹

Na visão desse redator, as Congadas estariam inseridas num processo de globalização ao sofrerem a influência do estrangeirismo. O difícil seria localizar esse “estrangeirismo” nas Congadas, tendo em vista que os capitães não cantam em inglês, em espanhol ou francês e nem as suas indumentárias possuem características europeizantes. Mesmo que se tentasse “estrangeirizar” as Congadas com outros referenciais, a memória d’África não seria o bastante para deslocar os Congadeiros de suas realidades e muitas das cantorias, às vezes compostas com inserções de palavras oriundas de dialetos antigos, seriam heranças de gerações e não um modismo passageiro.

Esse Congadeiro, visto sob o prisma da “cultura de massa”, possível de envolver a população, e que “contagiou os brancos”, remete-nos a pensar no processo colonizador. O etnocentrismo europeu não permitia conceituar a cultura dos negros e dos índios no mesmo estágio das “culturas humanas”. Nesse sentido, para diferenciar essas modalidades culturais diversas, dos outros, dos não instruídos, dos primitivos, tornou-se necessário destituir a história cultural desses povos, de qualquer valor significativo. Assim, passou-se a ser uma “coisa de negro”, uma “coisa de índio”, um “folclore de povos subdesenvolvidos”.

Dessa maneira, o branco seria um elemento civilizador que contagiado por essa “cultura de massa”, assumiria sua presença como fator de fortalecimento da festa. Poderia-se perceber, dessa forma, uma certa desinformação do redator a respeito das Congadas e do Congado e a dificuldade em conhecer o tema antes de publicá-lo.

Por outro lado, observa-se no Jornal Correio, uma reportagem diferente sobre os moradores do Bairro Patrimônio:

os primeiros habitantes de um dos bairros mais antigos de Uberlândia, O Patrimônio, formado em parte pela comunidade negra, remanescente dos

⁷¹ JORNAL Triângulo. **Congado: manifestação afro-brasileira viva nos uberlandenses**. Uberlândia: O Triângulo, p. 04, 13/11/1999.

quilombos da região, se sentem espremidos pelo desenvolvimento. Isso porque eles encontram dificuldades em desenvolver as tradicionais festas populares como a Congada, a Folia de Reis e os ensaios da escola de Samba. O principal motivo, de acordo com os veteranos, diz respeito às reclamações vindas dos novos moradores.⁷²

Assim, esse embate parece configurar-se de maneira formal, entre os representantes da cultura popular e os novos residentes do Bairro. Isso fica explícito na fala de Geraldo Miguel, ao dizer que “eles chegam e constroem muros altíssimos. Eles têm de dar as mãos aos negros, participar das atividades”⁷³.

Essa reportagem aborda a situação do Bairro Patrimônio, denotando o processo de exclusão econômica a que estão submetidos os moradores mais antigos, informando que “o contraste presente no Patrimônio pode ser observado nitidamente na arquitetura do Bairro, casinhas humildes dividem espaço com verdadeiras mansões, construções imponentes que intimidam os antigos moradores do Bairro”.⁷⁴

Importante entender, portanto, que os problemas vivenciados no Bairro Patrimônio, acontece em outras partes da cidade. Contudo, o novo olhar da imprensa escrita se deve em muito às pressões exercidas pelos próprios populares. Exemplificador desse processo se encontra em um “Manifesto à População” de Uberlândia, distribuído durante as comemorações dos 113 anos do Bairro Patrimônio:

Neste domingo comemora-se 113 anos de idade do Bairro Patrimônio, bairro que foi escolhido para moradia de muitas famílias negras, onde se plantou a primeira resistência afro cultural da cidade [...]. No tocante ao momento contemporâneo, várias são as dificuldades dos negros que ainda resistem, pois a maioria foram expulsos pela modernidade econômica, que invadiu o local construindo prédios e mansões que contrastam com o restante de moradores que ainda residem no local. O desdobramento não poderia ser outro, um movimento elitista que começa com a tentativa de expulsão da festa da Congada do centro da cidade, a centenária” festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito” e se espalha por

⁷² MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio**. Uberlândia: Jornal Correio, p. C 2., 29/01/2006

⁷³ Geraldo Miguel, conhecido popularmente como Charqueada, afirma possuir 105 anos, 43 filhos, 96 bisnetos e 18 tataranetos. Charqueada é um dançador de Congada, que se tornou um mito na cidade, confundido até como um antigo Pai João, preto velho. Entretanto, o personagem Charqueada, soube incorporar a figura do próprio mito, fato esse que o torna mais singular ainda. Por outro lado, um grupo de pessoas utilizando-se de sua imagem, lançou-o como candidato a Deputado Estadual pelo Partido Liberal nas eleições de 2006. Com isso descobriu-se também que seu registro data de 1927, mas ocorre também que na referida época, muitas pessoas terminavam por se registrar após muitos anos de suas datas de nascimento. MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio**. Uberlândia: Jornal Correio, p. C 2., 29/01/2006)

⁷⁴ MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio**. Uberlândia: Jornal Correio, p. C 2., 29/01/2006.

outros locais com o impedimento dos ternos de Moçambique do Bairro Patrimônio, de não poderem ensaiar seus grupos após as 22 horas.⁷⁵

Esse ato de protesto havia sido precedido de um outro manifesto denominado “Guerreiros de Zumbi”, chamando os populares do Congado, carnaval, religiosidade, para participar de uma passeata⁷⁶ da comunidade negra de Uberlândia, cuja concentração aconteceria na Praça Tubal Vilela. A referida passeata apresentava a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito como a principal força articuladora desse movimento político e expunha em 1 cartaz a seguinte frase⁷⁷: “grito de força e resistência contra o racismo, intolerância religiosa e toda forma de discriminação contra congados, carnaval, religião de matriz africana e diversidades culturais de Uberlândia e região”.



Populares afrodescendentes durante passeata na Av. Floriano Peixoto, no dia 02 de julho de 2005. Arquivo: Moçambique de Belém /2005.

⁷⁵ Manifesto distribuído no dia 17/07/05, assinado por dezoito entidades, entre as quais se destacam os grupos de Congado: Marujo Azul de Maio, Congo Prata, Catupé Azul e Rosa, Moçambique Estrela Guia, Congo São Benedito, Moçambique Raízes, Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, Moçambique Princesa Isabel, Congo Rosário Santo e Catupé Azul e Branco.

⁷⁶ Passeata realizada no dia 02 /07/05 tendo como protagonistas os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e vários componentes da Religiosidade Afro. Com aproximadamente 240 pessoas, percutindo tambores, realizando cantorias e distribuindo panfletos nas lojas comerciais e para os transeuntes, fizeram uma caminhada pela Avenida Afonso Pena, Coronel Antonio Alves e Floriano Peixoto, retornando à Praça Tubal Vilela. Arquivo em VHS, de 02/07/05. Moçambique de Belém.

⁷⁷ Panfleto distribuído por populares durante Passeata em 02/07/05 no centro de Uberlândia.

Na ausência de fontes documentais escritas, a fotografia pode se transformar em um testemunho inequívoco de um instante histórico. A foto em que aparece populares afrodescendentes com as mãos erguidas para o alto, tendo à frente uma faixa com os dizeres: “Coafro, o sonho não acabou”, revela que centenas de pessoas estavam preocupadas em manter seus espaços culturais, religiosos e públicos.

Essa evidência fotográfica contém em si “um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando do contínuo da vida⁷⁸”. A contribuição fotográfica como fonte histórica não deve ser avaliada como simples ilustração de evidências orais. Anne Marie Granet tem a seguinte concepção a respeito do assunto:

A fotografia é particularmente complementar da fonte oral. Ambas compartilham uma mesma lógica, a da memória e do esquecimento, a da presença e da ausência, mediadas pela interpretação de um intermediário, o pesquisador ou o fotógrafo. Elas permitem certamente notar fatos, se não uma realidade⁷⁹.

O registro fotográfico se torna nesse contexto, uma demonstração de dados reais que aconteceram de fato no instante da imagem captada. Essa referência imagética transformou-se em representação simbólica e fonte possível de complementaridade do discurso oral dos manifestantes Congadeiros desde o dia em que ocorreu o evento.

Essas atitudes de resistências proporcionadas pelos agentes culturais Congadeiros denotam que os mesmos possuem ciência da importância do Congado em suas vidas e para a comunidade em preservar. Não se trataria, entretanto, de uma cultura popular em atrito com uma cultura dominante, como se ambas pudessem existir antagonicamente. A resistência se apresentaria no sentido de disputa pela manutenção de espaços e isso poderia se processar de forma permanente sem “querer obscurecer a vitalidade da cultura como expressão da experiência vivida no sentido de um duplo movimento de contenção e resistência que ela carrega”.⁸⁰

Outro conflito também divulgado pela imprensa no através do Jornal Correio de Uberlândia, foi motivada pela mudança na data de realização da festa da Congada.

⁷⁸ KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. In: Iconologia: Caminhos da Interpretação. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 101.

⁷⁹ ABISSET, Anne Marie Granet. **O Historiador e a Fotografia**. In: Projeto História. São Paulo: Educ/PUC-SP. P. 16. Tradução: Yara Aun Khoury.

⁸⁰ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular. In: **História e Perspectiva**, nº 6 – Universidade Federal de Uberlândia, 1992, p. 20.

Trazendo o título: “Mudança do dia da festa causa indignação”⁸¹, a reportagem faz pressupor que os conflitos internos se apresentam publicamente pelo fator emotividade, mas que, no entanto, parecem ser contidos no decorrer do ano, no sentido de se manter a unidade entre os Congadeiros como necessidade fundamental para o fortalecimento do Congado e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A repulsa de que se tratava o registro do jornal, se referia ao deslocamento da festa da Congada realizada no mês de novembro há 89 anos, para o mês de outubro:

A festa que tradicionalmente acontece no segundo domingo de novembro, neste ano, foi antecipada para os dias 05 e 06 de outubro, o que gerou polêmica entre os grupos.[...] A polêmica em relação à mudança da festa foi provocada por uma determinação da Diocese de Uberlândia, em função de 2003 ser o ano do Rosário.

Os condicionamentos históricos resultantes da primeira mudança da festa da Congada no ano de 1917, apresenta várias versões. O ex Capitão Manoel Saturnino Rodrigues,⁸² do Moçambique de Belém, possuía a sua justificativa:

Aliás, essa festa era em outubro, mas como depois foi registrada a Irmandade dos Homens de Cor de Uberlândia, surgiu a Irmandade dos brancos que é lá da Catedral. Aí, ficou combinado que fazia a festa do Rosário em Novembro e fazia a festa dos brancos em outubro porque era só interno. Agora a festa nossa como era interna e externa, ficou para novembro, mas ela era mesmo em outubro.

Ao focalizar a questão interna e externa como diferencial da festa da Irmandade dos homens de cor, em relação à festa da Irmandade dos brancos, Manoel Saturnino Rodrigues deixara subentendido que as características principais das Congadas seriam diferentes dos cerimoniais, que deveriam compor os ritos católicos da Irmandade dos brancos.

Enquanto a Irmandade de Nossa Senhora⁸³ desses homens brancos possuía uma estruturação discreta: Missa, novena e quermesses (leilões e barraquinhas), os festejos da Irmandade dos homens de cor ao contrário, apresentariam diferentes ritualidades.

Esses outros ritos caracterizavam o aspecto externo das Congadas: Encontro de centenas de dançadores; Coroação de Reis Congo e Rainha Conga, homenagens a Rei

⁸¹ Jornal Correio, 06/10/2003. Uberlândia

⁸² Conhecido popularmente como Siricoco, apresenta uma versão da festa alterada em 1917, durante debate realizado em 06/11/1984, na Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia. As transcrições das entrevistas se encontram na Coordenadoria Afro Racial, órgão da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

⁸³ POEL, Francisco Van Der. **O Rosário dos Homens Pretos**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981, p.61-62. Informa que a Festa de Nossa Senhora do Rosário foi instituída a partir de 1572, no dia 07 de outubro. O motivo se refere ao Papa Pio V, que após conseguir deter a expansão do Império Turco na Batalha de Lepanto, dedicou a vitória a Nossa Senhora do Rosário, por acreditar que teria sido um milagre da santa. Por isso, em 1572, decretou 07 de outubro como o dia da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Perpétuo e Rainha Perpétua; diversidade cultural e religiosa: católicos, candomblecitas, umbandistas, espíritas, capoeiristas, sambistas e adeptos das folias de Reis; realização de missa e procissão com a participação dos grupos de Congada; realização de ensaios, leilões e terços durante quarenta dias antes dos festejos finais; guardas de outras cidades; almoço e jantar em todos os quartéis (residências) dos comandantes; içamento de mastros com Imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito; visitas recíprocas dos grupos e desfile de despedida.

De outro lado temos na fala de Padre Olimar Rodrigues⁸⁴ uma visão diferente sobre o retorno da Festa da Congada para o mês de outubro:

Nós fizemos essa mudança, para esse ano “sobretudo”, devido ser o mês de outubro, o mês de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, numa tentativa de trazer novamente a união da liturgia com a manifestação popular. De maneira nenhuma foi uma atitude nossa como padre ou da Igreja que quis mudar, colocamos em assembléia com todos os capitães presentes e o Presidente da Irmandade que acharam por bem fazer essa mudança como uma experiência esse ano para ver como é que fica.

Na percepção de Geraldo Cândido Ananias⁸⁵, a realização da festa em outubro de 1916, teria passado para novembro devido à necessidade da mão de obra nas lavouras dos fazendeiros:

A festa do Rosário era sempre no mês de outubro, quando os fazendeiros precisavam dos negros para trabalhar na plantação. Por isso passaram para o mês de novembro, em outubro eles estavam trabalhando e em novembro descansando, em 1918, quando veio uma ordem do Papa, para os padres participar da festa dos negros, foi um choque na cidade, os fazendeiros levavam os padres para as fazendas para eles não participarem da festa dos negros e como os padres eram mandados pelos fazendeiros, eles tinham que fazer.

Embora, seja difícil localizar citações documentais do motivo que levou a existir a realização de celebrações separadas em louvor a Nossa Senhora do Rosário: festa de branco e festa de negro, João Rodrigues⁸⁶, sintetiza o momento vivenciado pelos Congadeiros ao enfatizar que “na época de 1940 e 1950, Uberlândia era uma cidade muito

⁸⁴ Responsável pela Igreja Matriz de Santa Terezinha e pela Paróquia Igreja Nossa Senhora do Rosário. Depoimento registrado em 05/10/2003, respondendo a questionamentos sobre a mudança da festa.

⁸⁵ Mais conhecido Como Tio Cândido, Pai de Santo e General da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, cargo também conhecido como Embaixador das Congadas, Orador Supremo, Comandante Geral das Congadas ou de Procurador. Sob sua responsabilidade estava a de receber todas as bandeiras dos ternos de Uberlândia e dos visitantes, tanto nos dias de novenas quanto nos dias dos festejos. Tio Cândido, nascido em 1911, faleceu em 13 de outubro de 2005, dois dias após a festa da Congada de Uberlândia. Depoimento registrado em 10/10/2004.

⁸⁶ Depoimento em 11/03/06.

orgulhosa, os negros passavam dançando Congada e os brancos riam, eles nos chamavam de um bando de macacos e não viam que o negro estava ali por devoção”.

Depreende-se daí que a indignação resultante da alteração da data da festa da Congada no ano de 2003, evidenciaria uma tensão silenciosa interna entre grupos do Congado e a Igreja Tradicional, na qual, os negros não conseguem se adaptar, pois segundo Marina de Mello e Souza, os negros viveriam um tipo de catolicismo particular, onde “seriam os detentores dos ensinamentos mais secretos e verdadeiros [...]. abrigado no seio das Irmandades, onde eram constantes as disputas de poder entre os irmãos negros e os párocos, aos quais os negros não queriam submeter”.⁸⁷

Os conflitos verificáveis, envolvendo disputas de fiéis e confronto entre os Congadeiros e ordens eclesiásticas, se estenderiam a toda Minas Gerais, de acordo com o relato de Lúcia Maria Montes:

Assim, ainda na década de 20, em Conferência realizada em Montes Claros com seus bispos, o arcebispo de Diamantina determinaria: continuem os sacerdotes no trabalho de supressão do maldito passatempo de folias, a pretexto muitas vezes de honrar os santos, aos quais injuriam os falsos devotos com os muitos escândalos dados nessas ocasiões (....) Em 1941 a Conferência Episcopal de Belo Horizonte resolvia: proibimos igualmente os esbanjamentos das esmolos dos fiéis em banquetes e bebidas, e determinamos que sempre haja prestação de contas por parte dos festeiros⁸⁸.

Visto por esses diferentes ângulos o Congado propiciaria um entendimento sobre os modos instituídos para contornar problemas de ordem interna e de como se manter unido no instante de enfrentar as pressões externas, cujos tensionamentos surgiriam principalmente da sociedade civil. Uma leitura dos jornais pesquisados⁸⁹ permitiria ainda deduzir que houve uma crescente participação de vozes populares inseridas nos artigos, opiniões e entrevistas. Poderia-se afirmar que a imprensa escrita e mesmo a televisiva, não teriam mais como negar a existência oficial desses populares Congadeiros, ou dos quase anônimos defensores das Congadas e do Congado. Essas vozes agora ouvidas, alterariam o discurso dos jornais, pois seriam vozes a reafirmar constantemente as Congadas e o Congado no contexto sócio-cultural da cidade.

⁸⁷ (SOUZA, 2002:310).

⁸⁸ (MONTES, 2002:114 -115).

⁸⁹ Matérias de Jornais de 1994 a 2006: Jornal Correio – Revistinha, 06/11/1994; Jornal Correio, 13/11/1995; O Triângulo, 1999; Jornal O Município – Órgão Oficial do Município de Uberlândia - 08/11/2001; Jornal Correio, 05/11/2002; Jornal Correio, 10/10/2004; Jornal Correio, 24/01/2006; Jornal Correio, 29/01/2006; Jornal Correio, 18/05/2006.

2.3- Relações Políticas: resistências e negociações

O ano de 1983 se tornou importante para os setores culturais de Uberlândia. Ocorre que nessa data foi criada a Secretaria de Cultura, cuja Secretária, Iolanda de Lima Freitas assumiu em 1984. Sob o Slogan “democracia participativa”, do então prefeito Zaire Rezende, a Secretaria de Cultura iniciou várias ações voltadas no sentido de valorizar a cultura popular, cujos resultados finais, exitosos ou não, o próprio tempo seria capaz de responder. O interessante é que na referida época, os Congadeiros tiveram uma relativa aproximação com a Secretaria de Cultura.

O relacionamento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, com os órgãos públicos e sociedade civil sugere uma certa ambigüidade que não se explicita publicamente. De outro lado, algumas circunstâncias mostram os Ternos de Congado adaptando-se à novas realidades, quando algum fator modifica a natureza das atividades concernentes à festa da Congada.

Exemplo disso ocorreu a partir do ano 2000. Após a Secretaria de Cultura parar de servir lanche para os grupos, durante a visita dos mesmos no último dia de festa, houve uma certa mobilização e os Ternos passaram a procurar outros lugares no dia de Segunda Feira à tarde,⁹⁰ antes da despedida final. O local em que havia o lanche era a Oficina Cultural de Uberlândia, tida como espaço de conversações e os capitães realizavam cantorias de agradecimentos à Secretária de Cultura. Deny Nascimento⁹¹ sintetiza ao afirmar que “foi a Cultura que parou com o lanche lá de baixo”.

Em decorrência disso, a partir de 2001, vários Ternos passaram a reunir-se na residência da Família Chatão,⁹² que passou a oferecer lanche⁹³ para os Congadeiros, conforme palavras de Fábio Vladimir:

Essa festa da Congada nós começamos atender poucos Ternos, depois no segundo ano fomos rei e rainha, eu e minha mãe e os Ternos foram aumentando. Como a Secretaria de Cultura cortou o lanche dos Ternos, a nossa família resolveu reunir e arrumar o lanche para eles e esse ano (2004) preparamos lanche para mais de duas mil pessoas. E isso já se tornou tradição em nossa cidade, onde a Família Chatão é a maior família de negros de Uberlândia. Meus irmãos moram fora, minhas irmãs moram aqui, são várias casas que nós temos, Chatão é uma família tradicional de

⁹⁰ A festa da Congada acontece no domingo e na segunda feira, no período da tarde, os grupos percorrem toda a cidade, muitos devotos oferecem lanches em sinal de devoção ou pagamento de promessas.

⁹¹ Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Depoimento em 28/04/2006.

⁹² Situado na Rua Porto Alegre, no Bairro Brasil, o espaço se constitui de várias casas a formar um terreiro que possibilita um amplo local livre, capaz de abrigar dezenas de pessoas.

⁹³ Fábio Vladimir (Fabinho) é Professor de Dança, Coreógrafo e dono da Academia Ritmo. Entrevista em 10/04/2004.

Uberlândia. Na festa da Congada a gente pede ajuda aos padrinhos, aos amigos e membros da família, queremos que as pessoas tenham o prazer de chegar, de curtir e de festejar a Festa de Nossa Senhora e de São Benedito.

Parece ficar evidenciado que os componentes do Congado conseguiram suprir a falta do lanche e, mais do que isso, buscaram outros meios, outras casas, de tal forma a se tornar independentes do poder público a partir de 2001. Outro fator a contribuir para essa possível autonomia, estaria na contribuição financeira da Prefeitura por meio de subvenção social. Contudo, nesse sistema de relutâncias e negociações, um documento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário,⁹⁴ enviado à Secretaria de Cultura, coloca em evidência um provável constrangimento surgido na época, quando o Presidente da Irmandade Deny Nascimento, por problemas internos na instituição e questões políticas, enviou ofício de desistência da subvenção social destinada aos Ternos de Congado.

Ao que tudo indica, na referida data, e talvez em consequência de finalização de lei Orçamentária Anual, esse ofício teria tido um trâmite rápido. A Secretaria de Cultura encaminhou à Secretaria de Finanças⁹⁵, memorando em anexo⁹⁶ com o seguinte texto:

Considerando que a entidade Associação Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e dos Homens de Cor, formalizou junto a esta Secretaria, através de seu Presidente a desistência dos recursos orçamentários que lhe foram destinados como subvenção, a partir do exercício de 1999, motivada por interesses particulares da mesma, solicitamos que seja revista a Proposta do Orçamento Programa para 2001, no que se refere a detalhamento de despesas com subvenções, conforme discriminação abaixo.

Esse documento, encaminhado à Secretaria de Finanças, elencava as entidades a serem subvencionadas no exercício de 2001, entre as quais se destacavam: Associação de Folias de Reis; Associação das Escolas de Samba de Uberlândia; Congado de Santa Efigênia; Congo Sainha; e Congado Nossa Senhora do Rosário Catupé.⁹⁷

Partindo dessa hipótese, poder-se-ia deduzir que diante dos documentos observados, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito não teria sido

⁹⁴ Ofício que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, encaminhou a Secretaria de Cultura em 12/09/2000, com o seguinte texto “A Associação Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia, vem até Vossa Excelência informar que está desistindo das subvenções sociais que esta Secretaria a ela destina”.

⁹⁵ Protocolado no dia 12/09/00, o mesmo foi encaminhado à Secretaria de Finanças, acompanhado de um memorando já com a ausência da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário como entidade a ser subvencionada em 2001.

⁹⁶ Memorando de Nº 0632/2000 do dia 12 de setembro de 2000.

⁹⁷ Esses três Ternos recebem subvenção à parte daquela destinada à Irmandade, conseguida através de negociações políticas na década de 1990, tornando-se dessa maneira, entidades de Utilidade Pública com indicação de subvencionamento através da Secretaria de Cultura.

subvencionada em 2001. Todavia, as evidências apontavam para uma negociação resultante da mudança de administradores públicos.⁹⁸ Assim, mesmo não havendo previsão orçamentária para subvencionar a Irmandade, a mesma recebera apoio financeiro para a festa da Congada do ano de 2001.⁹⁹

Visto dessa forma, é possível dizer que um documento não fala por si próprio. Caso não tivéssemos procurado fontes orais e entendêssemos o escrito no documento como fato conclusivo, incidiríamos em sério equívoco, pois a Irmandade recebera contribuição financeira no corrente ano. Percebe-se, desse modo, que documentos existem para serem postos em dúvidas, para serem questionados. Os documentos não podem, assim, conter em si a verdade absoluta de um fato e sim, talvez, representações do que teria acontecido em determinado momento. Por isso, documentos precisam ser analisados com cautela e, além disso, se faz necessário recuperarmos a concepção de Jacques Le Goff sobre o documento:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa¹⁰⁰.

Trazendo ao mesmo tempo as reflexões de Samuel Raphael, a respeito das evidências, o mesmo menciona que:

A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de informação mas também pelo que faz o historiador, que entra no campo como um fiscal invisível” [...]. A evidência oral deve deixar o historiador mais faminto por documentos [...] e quando ele os achar, poderá usá-los de uma forma mais ampla e variada do que seus colegas sedentários, que se confinam numa mesa de biblioteca ou na sala de pesquisa do arquivo. A História local não se escreve por si mesma [...] como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida.¹⁰¹

Parece ser perceptível através dessas apreciações a propósito de documentos produzidos, a dificuldade em querer estudá-los factualmente apenas sob a luz da razão. Por isso, um outro detalhe que chama atenção no relacionamento dos representantes do Congado com a Prefeitura Municipal, se refere ao fato de que no ano de 2005, houve uma

⁹⁸ Com a eleição de 2000, mudaram-se os administradores da Prefeitura de Uberlândia a partir de 2001.

⁹⁹ Através de Empenho de Nº 21941/2001, a Irmandade recebeu R\$ 23.670,00 (vinte e três mil, seiscentos e setenta reais) para distribuir entre os Ternos aptos a ser beneficiados em 2001.

¹⁰⁰ LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento. In: **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Enciclopédia Einaudi. Vol. I, 1984, p. 102.

¹⁰¹ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, nº 19, set.1989/fev.1990, p. 237.

contribuição financeira significativa,¹⁰² se comparada aos anos anteriores. Resultantes de negociações políticas, esse crédito adicional parece sinalizar que o poder executivo passou a ver o Congado sob outro aspecto, ou seja, não somente enquanto grupos de Congadas festivas, mas como sujeitos históricos que articulam-se também coletivamente.

É possível deduzir que o aumento de verba estaria vinculado ao apoio de expressiva parte da comunidade congadeira a alguns vereadores de Uberlândia. Além disso, parece ter contribuído também, uma passeata de protesto político realizada em 02 de julho de 2005 e diante da possibilidade de um novo ato de repúdio, em consequência de que a comunidade negra não estaria se sentindo respeitada, por causa da transferência da Coordenadoria Afro Racial, órgão representativo da população afrodescendente de Uberlândia, politicamente vinculada à Secretaria de Governo e que foi transferida para a Secretaria de Cultura, como Núcleo Afro Racial.

Essa nova dinâmica estaria de algum modo, contribuindo para uma maior visibilidade do Congado, diante dos órgãos públicos. Isso evidencia-se com um novo projeto arquitetônico da Praça do Rosário,¹⁰³ enquanto contrapartida de recursos oriundos para restauração da Igreja do Rosário, repassada pelo Ministério do Turismo, ilustrando o grau de relacionamento da Irmandade do Rosário junto ao poder público.

Apenas uma análise superficial de documentos sem se atentar para a existência de outros pormenores orais, não responderia às indagações, que poderiam existir no interior da institucionalidade pública, em afinidade com outros sujeitos representantes do Congado.

Os documentos redigidos por meio de memorandos e ofícios não explicitam os tensionamentos ocorridos durante as discussões verbais. Os textos comunicam de forma sucinta e sem subjetividades, algumas situações que futuramente poderiam ser questionadas caso fossem transcritas em atas. Assim, nem sempre o original da fala é o escrito no papel.

¹⁰² Convênio Nº 218/05 de 22/06/2005 tendo como objeto, a concessão de contribuição à beneficiária como instrumento de apoio às suas atividades sócio-culturais, a destinação de R\$ 33.000,00 (trinta e três mil reais). Lei Nº 9078 de 19/10/2005, autoriza abertura de crédito suplementar no valor de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) como contribuição à Irmandade de Nossa Senhora e São Benedito. Dessa maneira, a Irmandade recebeu da Prefeitura de Uberlândia, R\$ 63.000,00 (sessenta e três mil reais) para ser repassados aos Ternos de Congado e ajudar na infraestrutura da festa da Congada, bem como a manutenção dos serviços internos da Irmandade.

¹⁰³ Convênio de Nº 126/2006 assinado entre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Bendito e a Prefeitura de Uberlândia no valor de R\$ 98. 976,05 (noventa e oito mil, novecentos e setenta e seis reais e cinco centavos), prevê o restauro da Praça Rui Barbosa – popularmente conhecida como Praça do Rosário – com nova iluminação e projeto hidráulico para um melhor atendimento à população. O valor final parece chegar a R\$ 120.000 (cento e vinte mil reais) conforme matéria do Jornal Correio do dia 07 de junho de 2006. No entanto, logo após a referida matéria, uma nova licitação aponta os custos da obra em torno de R\$ 220.000 (duzentos e vinte mil reais).

III CAPÍTULO

A Formação dos Novos Ternos de Congado: rupturas ou continuidades?

Um dos principais indícios detectados no surgimento de novos grupos de Congado, mais especificamente na cidade de Uberlândia, residiria no fato de que os mesmos não seriam instituídos de maneira aleatória. Sob esse aspecto, parece ser perceptível no comando dos Ternos debutantes, a presença de capitães e de seus familiares oriundos de outros grupos. Essa constatação simbolizaria a existência de um redimensionamento do modelo estrutural do Congado na cidade e essa reorganização, perpassaria por todo um sistema de realinhamento inerente à atuação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

O modo de atuar da Irmandade, diante dessas tendências de rupturas internas, responsáveis pelo aparecimento de outros Ternos, estaria no sentido de monitoramento dos novos membros, que para se abrigarem definitivamente na estrutura da entidade, teriam necessariamente de passar por um período de adaptação, do qual só seriam liberados depois de três anos de aprendizado. Nesse estágio, estaria incluído o comparecimento às missas dominicais e a presença nas demais atividades da Irmandade.

Entrementes, o significativo aumento do número de Ternos, entre os anos de 1996 a 2006, poderia estar sinalizando aos representantes da Irmandade, a necessidade de encontrar uma maneira para coibir o aparecimento de outros Grupos em consequência de conflitos internos, que poderiam continuar a ser desencadeados, seguindo exemplos de rupturas anteriores. A preocupação dos representantes da Irmandade com esse crescente número de grupos, pareceria estar vinculado ao ritmo da festa, que sofreria mudanças radicais tanto no sentido de tempo quanto de espaço territorial.

3.1. Origem dos Novos Grupos de Congado

A discussão a ser tratada nesse tópico diz respeito aos diferentes modos proporcionadores da criação de um Terno de Congado. Tratando-se, nesse sentido, de

convivências culturais entre grupos possuidores, mesmo em suas interioridades, de agrupamentos familiares distintos. O aparecimento de contradições, dessa maneira, não poderia ser compreendido enquanto disfunção e talvez sim como disputa de espaço que se processaria em consequência do surgimento de novas lideranças.

Esses líderes-capitães que surgiriam em determinada época a conduzir suas próprias bandeiras,¹⁰⁴ possuiriam diversas justificativas para sedimentar publicamente as suas atitudes. Dentre os vários esclarecimentos estariam aqueles ligados a compromisso de fé, resultantes de alguma graça recebida. Porém, outros fatores conflituosos, incapazes de serem mantidos, durante muito tempo oculto, ou silenciado, eclodiriam com a saída imediata de componentes de determinados grupos.

Dessa forma, esses desistentes voluntários poderiam arrebanhar seus consangüíneos e adeptos ou ainda arquitetar outras táticas de convencimento, no sentido de ampliar o mais rapidamente o número de participantes, o que de certa forma possibilitaria ao novo Terno, sobreviver distante de seu lugar de origem.

Por outro lado, os grupos de Congado, ao perder alguns de seus membros, poderiam apresentar na ocasião do fato ocorrido, diversas opiniões, reafirmando uma consistência interna que, de algum modo, não se alteraria por causa do “abandono de alguns dançadores”.

Vistos dessa maneira, não seria errôneo salientar que a existência dos conflitos no interior do Congado, contribuiria como elemento motivador do contínuo reelaborar dos rituais das Congadas. Na verdade, os conflitos representam o ápice de toda uma movimentação interna, quando há o encontro coletivo dos Ternos, por ocasião dos festejos realizados em um período de dois dias consecutivos.

Com isso, a tentativa de analisar a origem desses grupos, estaria fundamentada na percepção de que os mesmos vêm de outro Terno e esse lugar não poderia ser desconsiderado. Quanto à hierarquia dos Grupos e outros aspectos ritualísticos das Congadas, alguns detalhes já foram abordados por Silva¹⁰⁵, Gabarra¹⁰⁶, e Fabíola¹⁰⁷, respectivamente.

¹⁰⁴ A saída de um Terno, geralmente pode ser chamada: levantar bandeira, sair pela primeira vez.

¹⁰⁵ SILVA, Renata Nogueira. **Etnografia de Um Terno de Moçambique**: Ritual e Música na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Uberlândia-MG. Monografia. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, 2002. A autora documenta no Capítulo 2, A Congada e a Tradição Oral – a organização de um terno de Moçambique.

¹⁰⁶ GABARRA, Larissa Oliveira. **A Dança da Tradição**: Congado em Uberlândia/MG (Século XX). Uberlândia. Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2004.

Quanto aos aspectos musicais, formas de criação, recriação e maneiras de socializar cantorias, Arroyo¹⁰⁸ apresenta os diversos métodos de aprendizados informais existentes nos Ternos: Marinheiro de São Benedito e Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Entretanto, cabe observar que esse texto não representa a universalidade musical das Congadas, pois Margarete Arroyo pautou sua pesquisa tendo como referenciais esses dois Ternos de Marinheiros.

Por outro lado, o surgimento dos primeiros Ternos apresentam uma historicidade bastante complexa. Tanto a construção da Igreja, quanto a formação dos grupos, aponta para a seguinte memória:

Com o crescimento da cidade, formou-se uma comissão composta de homens influentes da cidade. Com discursos e Banda de Música, a Igreja foi inaugurada em 10 de maio de 1931.[...] Quanto a formação dos Ternos, não se sabe ao certo quando foi. Sabe-se que foi antes da abolição da escravidão.¹⁰⁹

Ao propormos uma amostra de como os Ternos mais recentes originaram-se, verificamos no quadro esboçado a seguir, que o Terno de Congo Camisa Verde e o Terno de Congo Sainha são considerados os grupos mais antigos que ainda permanecem em atividade. O fato de ambos terem suas procedências na década de 1930, sugere que organicamente, a partir dessa década, inicia-se a institucionalização dos Ternos na cidade de Uberlândia: “Por volta de 1930, o Sr. Elias Francisco do Nascimento, filho do Presidente da Irmandade, Sr. Manoel Angelino, resolveu criar um Terno, formado só de rapazes e que representassem a Bandeira Brasileira”

O Congo Rosário Santo participou durante 04 anos sem receber o reconhecimento oficial da Organização da Festa da Congada. Esse motivo foi resultante da formação do Terno ter ocorrido sem passar pelas exigências legais da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Quanto ao Congo Cruzeiro do Sul, o mesmo não possui relação com o Bairro de nome homônimo existente na cidade de Uberlândia.

¹⁰⁷ MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de Família: Famílias Afro-descendentes no Século XX em Uberlândia** – MG. Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, Secretaria de Cultura, 2005. A autora analisa a campanha do Congado e uma interessante análise de Parentesco de vários Ternos.

¹⁰⁸ ARROYO, Margarete. *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical*. Um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música. UFRGS, 1999. Arroyo empreende: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música, trabalhou com o Terno Marinheiro de São Benedito, situado no Bairro Tibery e com o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, do Bairro Santa Mônica. Seu trabalho dessa forma, diz respeito apenas ao fazer musical característico desses Ternos que se diferenciam dos demais.

¹⁰⁹ NARDUCHI, Fernando. **Devoção a Nossa Senhora do Rosário**. Secretaria Municipal de Cultura: mimeógrafo, 1988, p. 05-07.

Essa tabela refere-se aos últimos oito Ternos de Congado surgidos entre 2001 e 2006.

Lugar de Origem	Ano	Novo Terno	1º Ano
1) Moçambique Alvorada (Extinto)	Década 1960	Moçambique Angola	2004
2) Congo Sainha	Década 1930	Congo Cruzeiro do Sul	2006
3) Congo Camisa Verde	Década 1930	Congo Rosário Santo	2001
4) Moçambique Pena Branca	1972	Moçambique Raízes	2005
5) Catupé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e Congo Camisa Verde	1950	Congo Prata Grupo de dançadores que saem do Congo Camisa Verde	2004
6) Moçambique de Belém	1971	1-Moçambique Estrela Guia 2-Moçambique Guardiões de São Benedito	2001 2003
7) Marinheiro de São Benedito	Década 1960	Beira-Mar de São Benedito ¹¹⁰	2005

Fonte: Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia- MG

Diante dos referenciais acima expostos, poder-se-ia deduzir que em Uberlândia, os Congadeiros quando saem do lugar de origem para criar seu próprio Terno, na maioria das vezes terminam por formar um grupo similar àquele de onde teria se originado. Assim sendo, quem deixasse um Terno de Congo, organizaria um Terno de Congo; quem saísse de Moçambique, formaria um Terno de Moçambique e, consecutivamente, caso houvesse

¹¹⁰ Esse Terno, sob o comando de Luizão, do Marinheiro de São Benedito, por ser recente e estar participando pelo segundo ano consecutivo, da Festa de São Benedito realizada pela Paróquia de mesmo nome, situada no Bairro Planalto, surgiu em consequência do seu responsável morar no Bairro Morumbi. Entretanto, o Beira-Mar não participa da Festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, realizada no mês de outubro e além disso, usa atualmente a cor vermelha, que desde a década de 1916 não é permitida aos ternos que compõem a estrutura da Irmandade. Por isso, não é possível nesse trabalho, fazer uma análise mais consistente sobre o referido Terno.

outros rompimentos, provavelmente, a mesma hipótese se aplicaria aos Ternos de Catupés, de Marujos e de Marinheiros.

Presumivelmente, esse modelo organizacional decorrente da ruptura entre membros de determinado Grupo, apontaria para o fato de que as discordâncias internas, não interfeririam na vontade dos Congadeiros em projetar um novo grupo, sem perder algumas essencialidades experienciadas em seus lugares de origem. A decorrência dessa necessidade de não se distanciar da memória espiritual e dos ritos apreendidos, traduz-se no depoimento de Neirimar Silva,¹¹¹ componente do Moçambique Raízes do Bairro Patrimônio:

O surgimento do Moçambique Raízes no Bairro Patrimônio, não representa problemas para os outros Ternos como tem sido a polêmica levantada no Bairro. Eu acho até que é o contrário, haverá uma disputa sadia, já que eles, (Moçambique Pena Branca e Moçambique Princesa Isabel) vão procurar melhorar também”. Eu só vim pro Moçambique Raízes quando tive a certeza de que teria o uso da saia, para mim um Terno de Moçambique tem que ter saia, mas isso também é de onde a gente vem, por exemplo, o Malaquias do Estrela Guia não usa saia, mas é que do Terno que ele saiu, o Moçambique de Belém, não tem saia e sim capacetes.

Já o Presidente e Primeiro Capitão do Moçambique Raízes, Claudiomiro Ramos da Silva¹¹² explicita seus argumentos para justificar a saída do Moçambique Pena Branca e criar o Moçambique Raízes¹¹³ no Bairro Patrimônio:

Quando resolvi que ia levantar minha bandeira, informei a Irmandade, eu respeito muito a bandeira dos Ternos, mais ainda a Bandeira do Terno de onde eu venho, que é o Moçambique Pena Branca. As pessoas no começo tem resistência de gente mais nova levantando Bandeira de Moçambique, muitos acham que isso é dos mais velhos, mas antes de fazer isso, eu também conversei muito com os nego véio. O Moçambique Raízes vai sair esse ano(2005), com 22 bastão de aroeira e outros bastão de bambu para os meninos, o bastão é uma coisa muito pesada, por isso nem todo mundo pode usar. A gente quer também fazer curso, oficina, para os nossos dançadores conhecerem a história do Congado e não somente pegar um tambor para bater, queremos também com isso mostrar que somos pessoas que podem fazer as coisas organizadas, muita gente ainda acha que não somos unido.

¹¹¹ Desenvolve ainda, um trabalho sócio-cultural, com crianças e adolescentes, através do Projeto Tabinha. Esses jovens dançam nos moçambiques e constituem a base futura da Escola de Samba Tabajara, que surgiu no Bairro Patrimônio na década de 1950. Entrevista realizada no dia 21/08/2005.

¹¹² Entrevista realizada em 21/08/2005.

¹¹³ Existiria críticas de populares e adeptos do Congado, principalmente por considerarem que o surgimento de outros Ternos poderia enfraquecer a resistência cultural e afro-brasileira, devido ao número excessivo de Moçambiques no Bairro Patrimônio: Moçambique Pena Branca; Moçambique Raízes e Moçambique Princesa Isabel.

Uma das singularidades do Congado na cidade de Uberlândia se refere precisamente a presença marcante de crianças, jovens e adolescentes. Essa realidade destoa da de vários lugares em que as Congadas se firmam apenas com pessoas mais adultas, e à medida que esses Congadeiros falecem, surgem dificuldades para os membros substituí-los. Dessa maneira, o dinamismo do Congado de Uberlândia parece resultar principalmente da capacidade de comunicação estabelecida entre os participantes octogenários com os jovens e crianças.

Desse modo, aceitar o uso de utensílios modernos não representaria perda de tradição e sim, possibilidades de prolongamento desse costume cultural adaptado ao momento contemporâneo. Com isso, os óculos escuros, as trancinhas, as tatuagens afro, as iconografias corporais e a musicalidade,¹¹⁴ seriam aceitas como tática de cooptação dos jovens, com suas identidades sociais concatenadas ao presente.

A simbologia étnica pode se apresentar nos penteados afro, nas gestualidades dos dançadores, no modo de vestir da juventude. Quando se depara com a expressividade cultural desses Congadeiros, percebe-se o quanto de ancestralidade se faz presente nos seus rituais. Ainda que no processo de diáspora dos escravizados, o conhecimento tenha ficado para trás, dominado pelos mais velhos que não interessava aos escravocratas, os adultos que ao Brasil chegaram, souberem recriar possibilidades de sobrevivências sem perder suas memórias sócio-culturais.

Em os Bantos No Brasil, Ornato José da Silva¹¹⁵ observa que o tráfico de escravizados para o Brasil teve cerca de 70%, de grupos étnicos de origens bantas, principalmente de Angola. Esses bantos trouxeram consigo seu sistema cultural, mesmo sob o regime de escravidão: suas músicas, sua medicina, culinária, contos, danças como o caxambu, o jongo, o maculelê, as congadas, maracatus, etc. De acordo com Ornato José¹¹⁶, os bantos espalharam-se pelo Estado do Espírito Santo, Rio de Janeiro, com menos participação na Bahia, mas com maior densidade populacional em Pernambuco e principalmente em Minas Gerais.

¹¹⁴ A música: Poeira! Levantou Poeira! (Ivete Sangalo), bem lembra uma cantoria antiga de Moçambiqueiros: Moçambique quando passa ! levanta poeira !. levanta poeira do chão! Levanta poeira!. Seria necessário perceber que isso não é modismo, perca de tradição, mas tradição em movimento que não para no tempo.

¹¹⁵ SILVA, Ornato José. **Os Bantos no Brasil**. Organizador: Tancredo da Silva Pinto. Rio de Janeiro: Revista Mironga, Ano X; Nº XII., 1977. P. 6.

3.2. Identidade Cultural dos Ternos de Congada



Moçambique Pena Branca do Bairro Patrimônio: em destaque a família do Sr. Geraldo Miguel – popular Charqueada - e seus descendentes. Arquivo: Jeremias Brasileiro/1999.

Embora não seja finalidade desse trabalho abordar de forma densa a questão da identidade, observamos Elisa Larkin Nascimento enfatizar a identidade de resistência ao citar a visão de Manuel Castells,¹¹⁷ sobre o referido assunto:

Identidade de Resistência talvez “seja” o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade, é criada por atores pertencentes a grupos desvalorizados ou estigmatizados pela lógica da dominação. Construindo trincheiras de resistência a partir de valores distintos ou mesmo apostos aos que permeiam as instituições da sociedade, formam comunas ou comunidades.¹¹⁸

Nas Congadas, seria possível verificar a presença de diversos elementos, fazendo com que as ritualidades assumam as mais diferentes formas em cada lugar. A complexidade cultural, que os escravizados trouxeram para a colônia brasileira e que

¹¹⁷ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999, p. 24 - 60.

¹¹⁸ NASCIMENTO, Elisa Larkin. Identidade e Dominação. identidade, raça e gênero no Brasil. In: **O Sortilégio da Cor**. São Paulo: Summus, 2003, p. 40.

posteriormente disseminada aos seus descendentes, tornou-se tão diversa, que foi tratada por Maria Martins, como se fosse uma cultura negra de vetor na encruzilhada:

A cultura negra é uma cultura de encruzilhadas. Nas elaborações discursivas e filosóficas africanas e nos registros culturais dela também derivados, a noção de encruzilhada é um ponto nodal que encontra no sistema filosófico-religioso de origem iorubá uma complexa formulação. Lugar de interseções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Exu elegbara, princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento. Como mediador, Exu é o canal de comunicação que interpreta a vontade dos deuses e que a eles leva os desejos humanos.¹¹⁹

Assim como o Congado também possibilita múltiplas interpretações, seria equivocado querer decifrar a proto-origem dos grupos, por isso, a tentativa de tecer apenas algumas considerações a respeito desses Ternos. Dessa forma, propomos apresentar as diferentes características possíveis de identificar determinado Terno, por meio de uma análise semiológica.

Esses diagnósticos são resultantes de observações *in loco* e do fato desse autor estar inserido no contexto do Congado. Nesse momento torna-se possível demonstrar que, ao contrário do que nos diz Paul Thompson sobre o agravante de um pesquisador que faz parte do movimento, é necessário aqui um sujeito incrustado. Isso ocorre, pois esse “observador participante” pode dar muitas contribuições e fazer apreciações que um outro não teria como realizá-las sem enfrentar dificuldade¹²⁰ muito maior.

Os Ternos se constituem através de um grupo de pessoas que se identificam com um tipo de canto; percussões; vestuários; linhagens de família; amigos; vizinhos e devotos, que terminam por agregar um conjunto de pessoas sob a liderança de um capitão principal. Esses Ternos surgiriam na maioria das vezes em conseqüências de extinção de outro grupo, desistência de capitães, por vias de conflitos internos ou devido a cumprimento de promessas.

Dessa maneira, o *Terno de Congo*¹²¹ teria sido um dos primeiros a surgir de acordo com os mitos fundantes das Congadas. Seriam Ternos considerados mais brincantes, cantorias alegres, chamados de congos enfeitadores do cortejo devido às suas

¹¹⁹ MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva ; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 26.

¹²⁰ Pensamos nesse sentido, que algumas modalidades ritualísticas não se processam publicamente ou sob o olhar do pesquisador, e em sendo uma pessoa de fora, o acesso a certas informações seriam mais difíceis.

¹²¹ História de Formação dos Ternos. A esse respeito há referências em Maria de Lourdes: Moçambique, Cadernos de Folclore publicado na década de 1980. Também no Documentário Reis de Contas: Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

indumentárias que seriam mais coloridas, servindo como animadores da festa. O uso de tamborins, viola, violões, cavaquinhos, chocalhos, caixas, reco-reco, acordeons, cuícas e pandeiros, aparecem como referências de um Terno de Congo em muitos lugares de Minas Gerais¹²².

Os *Ternos de Moçambiques* seriam identificados com maior facilidade devido a uma formação que remontaria aos primeiros negros escravizados na colônia brasileira, oriundo principalmente de um macrogrupo étnico denominado Bantu.¹²³

Os Moçambiques seriam compostos por pessoas mais idosas e daí o motivo de uma cantoria mais emotiva, cadenciada e lamentosa; louvando santos de devoção, em especial Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Faria ainda parte do repertório musical dos Moçambiques, cantorias rememorativas aos tempos de escravidão. Trazem também em seu conjunto, os benzedores e benzedadeiras, anteriormente vistos como protetores espirituais de agrupamentos étnicos.

Esses Moçambiques adotariam os patagomes ou patagongas - instrumentos ovaís e metálicos, contendo um certo número de esferas em seu interior. As gungas ou paiás de proteção - latas pequenas cheias de sementes ou chumbinhos - amarradas abaixo dos tornozelos dos dançadores, servem como a identificação dos mesmos em quase todos os lugares em que há Congadas nas cidades de Minas Gerais .

Seriam também natural dos Moçambiques, os bastões que confeririam aos comandantes um certo sentimento de força espiritual e a possibilidade de inserção de raízes, ervas, sementes e outras essências aromáticas de cunho medicinal. Tudo isso caracterizaria de forma sintética, os Ternos de Moçambiques.¹²⁴

Os *Catupés ou Catopês*, surgiram da influência indígena, propiciada pela interação ocorrida entre escravos fugidos, que se encontravam nas matas com os índios e que após

¹²² Sobre esse assunto ver também:

Atlas de Festas Populares do estado de Minas Gerais, editado pelo Instituto de Geociências Aplicadas (IGA) em 1998.

¹²³ Marina de Melo e Souza observa que o nome banto seria um plural de gente, de indivíduo, de pessoas e que dessa forma designaria então a existência de um macrogrupo com características lingüísticas culturais semelhantes. (SOUZA, Marina de Melo. **Reis Negros no Brasil Escravista. História da Festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 135).

¹²⁴ No Documentário: Reis de Contas - Produção do Projeto Encantar de Uberlândia, 2003 - o capitão de Marinheiro, Moisés Carlos Silva, apresenta de forma percussiva, os ritmos dos Moçambiques, dos Marujos, dos Congos e dos Marinheiros e os mitos fundantes das Congadas através desses Ternos de Congado. O referido documentário foi produzido durante os anos de 2001, 2002 e 2003, com enfoque na cidade de Uberlândia, mas mostrando características em algumas cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Mostra ainda um ritual umbandista de fechamento de corpo de Congadeiros - Tenda Coração de Jesus - situada no Bairro Martins, em Uberlândia. Arquivo: Imagem e Som. Setor de Multi&Meios da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

retornarem para as vilarejos com o fim da escravidão, inseriram nas Congadas o jeito de vestir e dançar dos indígenas. Utilizariam ainda, cantorias irônicas e também de críticas sociais.

Já os *Marujos e Marinheiros*, teriam se origens ligadas a influências mouras e portuguesas. O uso de marlotas - vestuário idêntico a uma capa tamanho médio - para esconder as espadas e evoluírem como se estivessem em formação de luta, percutindo fortemente os seus maracanãs (caixas grandes); repiliques (caixas menores) e os chocalhos; simbolizam através de cantorias, a submissão final dos mouros ao poder dos cristãos. Em outros lugares, Marujadas, Marinheiros e Marujos representariam a dolorosa travessia pelos mares, dos africanos escravizados.

Os *Penachos* representavam os índios africanos inseridos nas Congadas. Suas cantorias geralmente se apresentariam como um coral de lamentações e as coreografias essencialmente de passos marcados de forma cadenciada.

O *Terno de Vilão* resultaria, na oralidade do Capitão Antonio João dos Santos do Vilão Fantástico de Serra do Salitre,¹²⁵ “numa lembrança de jovens escravos preparados para assaltar as fazendas e engenhos, levando animais domésticos e mantimentos”.

Assim sendo, a dança dos vilões retrataria a existência de possíveis conflitos simbolizados em representações coletivas: “avança e recua”; “assovios intercalados entre os diversos capitães”; “dançar astuciosamente” e o “entrechoque de bastões feitos de bambu”.

Salientamos contudo, que essas são algumas singularidades desses grupos que apresentam uma estrutura muito mais densa e complexa com uma enorme diversidade regional capaz de em determinados lugares mostrar outras denominações como é o caso por exemplo, da cidade de Dolores do Indaia (Oeste de Minas) em que existe o Terno dos Comilões, cuja função é a de chegar às casas dos festeiros somente para se alimentar.

Nas lutas por memórias, todavia, outros Ternos buscam demonstrar que possuiriam legitimidade histórica e religiosa de comandar os rituais. O Capitão José João, do Congo Santa Efigênia, de Uberlândia,¹²⁶ reivindica para o Terno, o direito à coroa de Santa Efigênia, pois, segundo ele, “essa coroa pertence à Santa Efigênia!”. Na disputa de memórias e lugares, José João ainda afirma que os Ternos tradicionais são aqueles identificados com o rosário, como o próprio Santa Efigênia, o Guardiões de São Benedito,

¹²⁵ Entrevista realizada em 2003 para o Documentário Reis de Contas. Arquivo: Imagem e Som. Setor de Multi&Meios da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

¹²⁶ Entrevista realizada em 01/09/2005.

o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, o Marinheiro de São Benedito, a Nossa Senhora do Rosário Catupé. Para José João, esses Ternos são os de tradição, “os outros ninguém sabe o que são no Congado¹²⁷”.

Cabe observar ainda, a resistência dos Congadeiros às tentativas eclesásticas de romanização litúrgica dos festejos das Congadas. A etnicidade afro utilizaria uma quantidade enorme de táticas paralelas, na tentativa de tornar a própria festa em ato ecumênico. Dessa forma, o sujeito Congadeiro assumiria, com toda naturalidade, a sua inserção nas religiosidades de matriz africana; no espiritismo kardecista; na religião católica e mesmo alguns membros oriundos de determinadas correntes evangélicas.

Nas Congadas de Uberlândia um elemento que chamaria atenção seria resultante de uma simbologia imagética criada por todos os grupos que, na percepção de Margaret Arroyo, seria visto dessa forma:

O céu azul intenso integrava-se ao azul e branco da pequena Igreja do Rosário, contrastando com os uniformes multicoloridos de cada terno, amarelo e verde, branco e rosa, verde e branco, amarelo-ouro e azul. Também coloriam o cenário os chapéus e capacetes coloridos e brilhantes dos dançadores, as meninas da bandeira com suas roupas cuidadosamente feitas para a festa, e Tio Cândido, um dos capitães mais antigos, um capitão de todos os ternos cujo papel era o de recepcionar os grupos, vestindo elegantemente seu quepe e farda inteiramente brancos.¹²⁸

Essa visualidade estaria presente tanto nos instrumentos, nas indumentárias, quanto no corpo dos Congadeiros. Imagens corporais que se traduziriam em identidades de resistência, conforme documenta Elisa Larkin Nascimento:

Com a adoção de estilos visuais ou de estéticas de apresentação pessoal como o uso de trancinhas, cabelo “afro” e outros, por exemplo, o corpo também passa a constituir um campo de afirmação de identidades de resistência. Contra a tendência de dissolver-se a história no tempo intemporal e contra a exaltação real, esses movimentos afirmam sua memória histórica e a permanência de seus valores.¹²⁹

Muitos desses valores acompanhariam os Congadeiros durante toda a vida, mesmo que residindo em centros urbanos, eles fazem questão de vivenciar as Congadas em seus lugares de origem. A identidade continuaria tão marcante que os sacrifícios pessoais não inibiriam a participação desses sujeitos urbanizados, nas Congadas da cidade ou em locais

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ ARROYO, Margarete. *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical*. Um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música. UFRGS, 1999, p. 104.

¹²⁹ NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Identidade e Dominação. identidade, raça e gênero no Brasil*. In: **O Sortilégio da Cor**. São Paulo: Summus, 2003, p. 41.

de nascimento. Por isso, Lúcia Maria Montes observa o compromisso do Congadeiro com essa identidade cultural:

Dada à dispersão dos membros que hoje integram grupos de foliões de Reis, ternos de congos ou moçambiques, graças às condições de vida moderna, muitas vezes marcada por uma trajetória de migração para os grandes centros urbanos, é a realização das festas o que lhes oferece a ocasião de refazer seus laços de solidariedade primária, reunindo famílias e conterrâneos, ou mesmo permitindo sua volta “para casa”, que será sempre o seu lugar de origem [...], mas a morte de um velho Rei Congo que ficou para trás no processo migratório, firmemente ancorado no distante lugar de origem, pode fazer esses mesmos trabalhadores urbanos encarar de modo altivo a ameaça do desemprego, preferindo enfrentar a demissão sumária por abandono de serviço a faltar com sua obrigação em tal ocasião solene e dolorosa.¹³⁰

Analisando o texto dissertativo de Larissa Oliveira Gabarra, compreende-se que esses relacionamentos inter-regionais estariam fundamentados na historização familiar de Congadeiros, que saíram de seus lugares, em busca de tempos melhores em outras cidades que oportunizariam a possibilidade de trabalhos remunerados:

A história das migrações dos trabalhadores negros e caboclos de Uberlândia é contada a partir da história do próprio ritual do Congado. A vida dos praticantes da festa mostra uma forte raiz cultural que não se dilui com o trânsito entre os praticantes que deixam suas cidades natal para preencherem as ofertas de trabalho em Uberlândia. A identidade afro-descendente mantida pelo toque do Congado revive a memória dessa cultura, mas também da memória da cidade e vice – versa.¹³¹

Esse parece ser o caso de muitos Congadeiros de Uberlândia, que anualmente retornam às Congadas em seus municípios de origem, inclusive para auxiliar na realização dos festejos. A maioria dessas cidades se localiza no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Centro Oeste e Sul de Minas.

3.3. O Reflexo do Aumento de Ternos na Organização das Congadas

A influência dos grupos de Congado no processo de organização dos festejos, não seria consequência apenas do aumento no número dos Ternos, mas devido ao crescente aparecimento de mais dançadores, elevando a média que na década de 1990 era em torno

¹³⁰ MONTES, Lúcia Maria. As Figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado. IN: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Vol 4, p. 161.

¹³¹ GABARRA, Larissa Oliveira. **A Dança da Tradição: Congado em Uberlândia/MG (Século XX)**. Uberlândia. Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2004. p.111.

de quarenta componentes, para um surpreendente conjunto de pessoas que chegam em alguns Ternos a mais de cento e quarenta Congadeiros, com Marujos e Marinheiros possuindo cerca de duzentos e vinte participantes.

Com isso, alguns roteiros antes percorridos em longas caminhadas, atualmente são realizados através de transporte urbano. No entanto, vários Ternos insistem em disputar espaços entre veículos, percutindo seus tambores pelas ruas e avenidas, tendo os próprios capitães com seus bastões a proteger itinerários das Congadas até o local de concentração.

Assim, sob o signo do tempo do asfalto, do tempo do trânsito e do tempo das leis, os representantes das Congadas parecem se sentir incomodados com o novo tempo da festa, segundo Deny Nascimento:

Eu acho que um número grande de Ternos atrapalha um pouco, dificulta muito, a Festa fica maior, o espaço na igreja fica muito apertado. Acho que mudou bastante, antigamente havia mais fé. Mas agora, de uns anos para cá, aumentou o número dos Ternos, cresceu muito mais a Festa e a gente nota que tem muitas crianças e muitos jovens. Agora é saber doutrinar esses jovens para o lado do bem e para fazer novos Ternos, vamos ver ainda se a pessoa tem condições, se não passar por um estágio, não dá¹³².

Tudo isso parece ser efeito do aumento de Ternos nos festejos das Congadas. Para os saudosistas Deny Nascimento, João Rodrigues e outros, o ritmo da festa se acelerou, os Ternos possuem menos tempo de louvação e as cantorias ficaram reféns do cronômetro¹³³. Entretanto, devido à enormidade de alguns Ternos, o tempo de chegada, entrada e saída da pequena praça, dura mais de vinte minutos.

Dessa forma, a tentativa de adaptar a festa da Congada à própria era da modernidade, causa temor aos nostálgicos. Porém, esses Congadeiros nostálgicos assimilaram essas mudanças como necessárias à continuidade do ritual. Por isso, João Rodrigues, ainda que em tom de lamento, ressalta a importância das Congadas em sua vida:

Hoje tem Terno que chega e o elemento nem entra dentro da Igreja. Dali ele já vai embora. Houve uma época que os capitães chamavam os soldados e rezavam, prestavam atenção na missa. Mas está bom ! Não pode é deixar apagar! Vamos conservar isso aí, pois essa é uma festa nossa! A festa de São Benedito! A nossa festa ! A nossa alegria ! Eu quase não durmo, quando chega a época da festa, a noite toda eu fico

¹³² Entrevista realizada no dia 29/04/2006.

¹³³ Geralmente, cada Terno tem uma média de 05 minutos para se apresentar em frente da Igreja do Rosário, conforme determinação da Irmandade em reunião de capitães no mês de outubro de 2005, antes de iniciar os novenários da festa.

acordado. Só vou deixar essa festa quando eu atravessar o Uberabinha de costas.¹³⁴

Atravessar o “Uberabinha de costas” seria vivenciar as Congadas até a hora da morte¹³⁵. Mas a festa da Congada não se alterou somente em decorrência de um número maior de Ternos. João Rodrigues observa ainda, modificações nos ritmos percussivos:

Eu vejo as mudanças nos batidos dos Ternos. Hoje em dia eles estão batendo rápido demais. Tem hora que a gente pensa que é até uma escola de samba chegando, tocando repiliques. O ritmo da Congada é mais cadenciado e as caixas tinham um batido mais gostoso. Hoje em dia, essas peles de nylon tem um batido rachado, parece que se está batendo em uma lata, é um batido que acaba com os ouvidos da gente.¹³⁶

Uma das principais características dos Ternos de Uberlândia seria justamente a estrutura percussiva existente nesses grupos. São muitos componentes, muitos instrumentos a privilegiar os ritmos, ficando as cantorias mais presentes nos Moçambiques, alguns Congos e Catupés.

Importante ainda é perceber que a presença de instrumentos específicos das escolas de samba na festa da Congada é um fenômeno que pode ser resultante de uma rede de circularidade cultural muito própria da comunidade afrodescendente de Uberlândia. Por isso, um ogâ – tocador de atabaque – de candomblé, surge como ritmista em uma bateria de carnaval; pode aparecer enquanto baterista em um grupo de samba e ainda se transformar em um caixeiro durante os festejos das Congadas e, para além disso, ser capitão em Folia de Reis.

Essa pessoa poderia ainda fazer parte da Banda Municipal, do Teatro, de Coral em seu ambiente de trabalho ou Igreja. Retomamos portanto, com a visão de Néstor Garcia Cancellini ao dizer que “os folcloristas prestam atenção ao fato de que nas sociedades modernas uma mesma pessoa pode participar de diversos grupos folclóricos, é capaz de integrar-se sincrônica e diacronicamente a vários sistemas de práticas simbólicas¹³⁷”.

De modo peculiar portanto, o que parece ser excesso de Ternos, de componentes e de instrumentos, é apenas uma das principais identidades dos grupos de Uberlândia, que se acentuou de forma estrutural durante a década de 1996 a 2006.

¹³⁴ Entrevista realizada em 11/03/2006.

¹³⁵ A tendência das pessoas humildes é de ser todas sepultadas no Cemitério Bom Pastor e quem mora no Bairro Patrimônio, precisa atravessar o Rio Uberabinha, que de certa forma, margeia a região.

¹³⁶ Entrevista realizada em 11/03/2006.

¹³⁷ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. In: a Encenação do Popular. São Paulo: Edusp, 2000. p.220.

Diante disso, Deny Nascimento aponta algumas dificuldades referentes ao tempo e sonoridade produzida por tantos instrumentos:

Crítica sempre houve, sempre tem. Antes, quando se fazia a despedida na porta da nossa casa, quando meu pai ainda era vivo. A despedida terminava às cinco horas da manhã. Nossa alvorada começava de madrugada mesmo!. Vai tentar isso agora! A vizinhança não deixa! chama a policia mesmo! E depois, as leis também mudaram demais! É porque são as leis, não tem jeito! ¹³⁸

Entre as diversas situações que produzem descontentamentos na sociedade civil, estaria a dificuldade não só de suportar o barulho dos instrumentos e ainda a dificuldade de transitar nos dois dias das Congadas. A interdição de ruas centrais interferiria no cotidiano da cidade e as Congadas seriam vistas como elemento desarticulador da rotina do hipercentro. Contudo, essa possível “perturbação pública” estaria somente referendando o ápice de um ritual anunciado anteriormente:

Os batidos podem ser considerados elementos que delimitam e marcam os espaços do ritual, costurando seus tempos. Eles anunciam publicamente o início da nova ordem na cidade, reforçam a conquista progressiva de espaços marcados pelas caminhadas, a princípio espalhadas nos bairros e depois, convergentes para o centro da cidade. Dos primeiros batidos ouvidos até o seu silenciar na Segunda - Feira da Festa. ¹³⁹

Essa forma de sair do interior do Congado, para entrar no exterior da cidade com as Congadas, e redistribuir essa dinâmica para outras regiões, seria o que caracteriza de maneira consistente a existencialidade do Congado em Uberlândia, como nos diz a Professora Marra:

Os Congadeiros rompem os muros que cercam suas comunidades e ganham a cidade, comemorando a manutenção de suas famílias e de sua cultura”. O convívio no interior dos Ternos de Congado possibilita a conscientização dos sujeitos de sua própria história. As informações são trocadas, os sujeitos estão em contato o tempo todo. ¹⁴⁰

A terça – feira, para muitos Congadeiros, seria anunciada como o dia de descanso e da resenha, momentos propícios para discutir conflitos ocorridos no interior das Congadas e também de analisar o quê de positivo teria acontecido e dar início aos preparativos para o ano vindouro.

¹³⁸ Entrevista realizada no dia 29/04/2006

¹³⁹ ARROYO, Margarete. **Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical**. Um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música. UFRGS, 1999, p. 144.

¹⁴⁰ MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de Família: Famílias Afro-descendentes no Século XX em Uberlândia** – MG. Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, Secretaria de Cultura, 2005, p. 07.

As tensões surgidas diriam respeito às peculiaridades dos próprios festejos coletivos: Terno que não chega na hora marcada e tenta atravessar na frente de outros; Ternos que seguram desfile na porta da Igreja, irritando aqueles que aguardam ansiosamente o instante de se apresentar; gente segurando bastão na mão esquerda e na outra mão uma lata de cerveja; disputa para se ter privilégio de levantar o mastro de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário; confrontos na tentativa de escoltar Reinado Festeiro e acusações de falta de respeito com as coroas do reinado.

Alguns grupos aumentariam o ritmo percussivo dos tambores para impedir que determinadas guardas consigam captar o próprio ritmo, impondo disputas gestuais para ver quem com maior força percute seus tambores; a silenciosa e internalizada contenda para ser o guardião dos coroados de Nossa Senhora e de São Benedito.

Existem ainda outras nuances características de agrupamentos humanos: olhares observativos quanto ao desempenho dos grupos; crianças, jovens, adolescentes e adultos visualmente produzidos; análises pormenorizadas das indumentárias dos Ternos, ciúmes, atritos verbais e constantes alterações de humor. Ainda, de acordo com Fabíola Benfica Marra, seria possível verificar que:

Apesar de muitos Congadeiros negar que exista rivalidade entre os Ternos, a disputa torna-se muita clara em muitos momentos. Disputam qual a melhor música e a mais bonita indumentária, qual a execução mais perfeita das músicas, qual o maior número de componentes. Em alguns momentos, verdadeiras batalhas orquestrais ocorrem: os Ternos se enfrentam com os instrumentos, o apito e a expressão corporal dos capitães deixam clara a luta, enquanto os soldados rufam os tambores¹⁴¹.

Todos esses detalhes, menos perceptíveis, se entrelaçariam a outros de maior visibilidade: a missa de domingo com pequena presença dos Ternos e a procissão de Nossa Senhora e São Benedito que muitos Congadeiros evitam seguir e ficam na Praça do Rosário a esperar. Esse possível distanciamento apresentado pelos Congadeiros em relação aos atos litúrgicos, é percebido por Lúcia Maria Montes:

Essas festas marcam momentos em que a religião transborda por sobre a vida mais ampla e daí volta refluir para a esfera do privado, reinventando outra forma de sacralidade, na celebração íntima do reencontro familiar e dos laços de amizade. No entanto, ancoradas em outras instituições, as celebrações festivas de caráter devoto podem resultar em outros tipos de projeção social que cada vez mais pareciam pender para o lado profano, guardando apenas tênues vínculos como motivo religioso da celebração,

¹⁴¹ MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de Família**: Famílias Afro-descendentes no Século XX em Uberlândia – MG. Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, Secretaria de Cultura, 2005, p. 15)

embora nem por isso percam seu significado de devoção para os que delas participam.¹⁴²

Por outro lado, na tentativa de reordenamento das Congadas, Deny Nascimento anunciaria que “durante os próximos 15 anos está proibido novos Ternos em Uberlândia”. Todavia, sendo o Congado constituído por uma dinâmica sócio - cultural e política constantemente flexível, seria presumível a dificuldade de o mesmo adaptar-se a essa rigidez temporal, pretexto pelo qual, então, poderia estar sendo reafirmado novas regras no sentido de tornar mais difícil, a criação de vários Ternos em uma mesma época.

Necessário, portanto, seria perceber que o Congado possui um sentido simbólico de tal forma interessante, que caso não houvesse subvenção da Prefeitura, a festa da Congada aconteceria em consequência de uma identidade cultural, responsável última pela permanência do Congado na cidade de Uberlândia.

Há que se refletir também sobre o fato de que toda essa mobilidade cultural desprendida de culpabilidades quanto ao não ter que ser atualmente tal qual foram os seus antepassados, faz dos novos Congadeiros uma outra geração mantenedora de vários fundamentos adquiridos através de convivências com os capitães mais experientes, mas contudo, ancorados em uma perspectiva de compreensão do mundo presente sob a ótica de suas próprias necessidades.

Isso não significa que esses Jovens Capitães estariam submetidos à lógica do “presenteísmo”¹⁴³. Essa dinâmica da Congada no século XXI não pode ser vista como fator de destruição do vivenciar congadeiro, pois como reafirma Néstor Garcia Canclini ao referir-se à modernidade:

Já não se pode dizer que a tendência da modernização é simplesmente provocar o desaparecimento das culturas tradicionais [...] Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade¹⁴⁴.

Pensar então que os Congadeiros de Uberlândia devam comportar-se culturalmente como as gerações de outrora, seria congelar a memória desses jovens no passado, sem lhes permitir perspectivas reais de construir suas vivências diante do próprio tempo presente.

¹⁴² MONTES, Lúcia Maria. As Figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado. IN: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Vol 4, p. 162.

¹⁴³ Sobre Essa Temática consultar:

BITENCOURT, Circe. Capitalismo e Cidadania nas Atuais Propostas Curriculares de História. In: **O Saber Histórico em Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2001. p.14.

¹⁴⁴ CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. In: **A Encenação do Popular**. São Paulo: Edusp, 2000. p.218..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado desse estudo não deve ser visto como um fato conclusivo, somente aponta algumas questões que podem ser mais bem investigadas. Objetivamos contudo, sinalizar para um possível entendimento do Congado na cidade de Uberlândia, como parte de um sistema cultural orgânico, de resistências cotidianas que se evidenciam de modo bastante implícito, durante as diversas manifestações congadeiras de caráter socializantes, desenvolvidas no transcorrer do ano.

Diante desses fatos, as Congadas não poderiam ser identificadas como passatempo transitório e nem seus festejos vistos como se fossem “vagueações”, assim entendidas por Mário de Andrade¹⁴⁵ ao dizer que: “O Moçambique não tem propriamente entrecho dramático nenhum [...]. É exatamente um cortejo que, em certas festas do ano, vagueia pelas ruas, parando pra dançar na frente de certas casas”.

As ritualidades dos Moçambiques são confundidas com vagueações, andanças a esmo. As visitas às residências geralmente de devotos, fazem parte principalmente da responsabilidade dos Ternos de Moçambique quando comparecem às casas quer seja de festeiros ou de pessoas que estejam a cumprir algum tipo de promessa. Isso ocorria tanto à época de Andrade (1933), quanto na época presente (1996 – 2006), praticamente em todos os lugares aonde ainda existam Ternos de Congadas com essas características ritualísticas.

Toda caminhada de Ternos, principalmente de Moçambiques, continua apresentando sentidos ritualísticos. Dessa forma, torna-se peculiar a observação de Benfica Marra a respeito desses ritos congadeiros, quando analisados cotidianamente:

É uma manifestação que envolve uma trajetória ritual, um andar devocional, caminhar até locais sagrados, geralmente exigindo esforço, grande esforço físico. As trajetórias dessas manifestações unem redes de sociabilidade. Esta sociabilidade ocorre tanto no interior dos grupos, ternos e companhia, entre os participantes e os simpatizantes e entre as cidades¹⁴⁶.

Seria possível então compreender a Irmandade do Rosário como instituição estabelecadora de negociações distintas para se manter continuamente ativa, assegurando sua territorialidade cultural em meio a conflitos cíclicos de ordens endogênicas: unidades -

¹⁴⁵ ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas no Brasil**. 3º Tomo. Edição Organizada por Oneida Alvarenga, 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Pró-memória, 1982, p. 243.

¹⁴⁶ MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de Família: Famílias Afro-descendentes no Século XX em Uberlândia** – MG. Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, Secretaria de Cultura, 2005, p. 15.

rupturas - realinhamentos, e aquelas de natureza exogênicas: reclamantes de sonoridade noturna; desordeiros que precisam ter local específico para seus ensaios; perturbadores do trânsito no hipercentro; tentativas de proibir foguetórios de alvorada; alusões de retirar os festejos das Congadas da Praça do Rosário através de justificativas oficiosas de que o espaço seria pequeno para a grandiosidade do evento; e outras vozes que não se assumiriam através de documentos públicos.

Querer tirar as Congadas do centro de Uberlândia, não teria sido exclusividade apenas das elites econômicas. A própria Diocese, em determinado momento, teria almejado tal projeto ou pressupôs vender o espaço da Igreja do Rosário situada atualmente na Praça Rui Barbosa, de acordo com depoimento de Rubens Assunção,¹⁴⁷ membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário:

Estava interessado por tudo que acontecia, as histórias da Irmandade, o quê que aconteceu, porque a Igreja estava brigando conosco, porque o Monsenhor Eduardo queria vender a Igreja”. Isso foi no tempo do Monsenhor Eduardo. Naquela época ele era o responsável pela Igreja e ele estava querendo vender a Igreja, e o pessoal começou a pegar em cima para não vender. Esse pessoal, o Finado Sr. Elias, o finado Zé Rafael, todos que faziam parte da diretoria na época pegaram em cima, deixaram os documentos tudo em ordem, e conseguiram não vender.

Quanto ao aspecto festivo das Congadas, verifica-se a existência de um sistema que determina, de forma hierárquica, a participação dos Ternos nos desfiles: Marinheiros, Marujos, Congos, Catupés e Moçambiques. Nota-se ainda que o gradual, e significativo aumento de grupos nas Congadas, contribuiu de certa forma, como incentivo à presença da juventude congadeira, enquanto dançadores ou acompanhantes dos novos Ternos.

Dessa maneira, surgiu a preocupação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, quanto à necessidade de doutrinação desses jovens, através do respeito às ritualidades das Congadas em conformidade com o catolicismo popular.

Compreendemos, além disso, que um Terno de Congado ao ser considerado novo, não significa a existência de comandantes jovens e inexperientes. Geralmente, esses grupos quando surgem, trazem consigo pessoas de diversas faixas etárias e que mesmo um Capitão, com seus quarenta anos, teria no mínimo trinta anos de Congado.

Tentamos, enfim, demonstrar que o Congado na cidade de Uberlândia se apresenta cotidianamente, durante todo o ano, na vida cultural dos Congadeiros e que as Congadas

¹⁴⁷ Entrevista realizada por Márcia Junqueira. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura. 11/12/1987.

representariam a culminância com um festejar coletivo, capaz de tomar as ruas principais do centro urbano, em dois dias consecutivos.

Esse fenômeno contrastaria com o ensejo de pujança progressista de Uberlândia e também a dificuldade de alguns setores sociais em reconhecer que o Congado e as Congadas fazem parte do contexto histórico, sociocultural e político da cidade. Com isso, acreditamos ter demonstrado o quanto é equivocada a percepção de “senso comum” das pessoas ao visualizar apenas grupos de negros alegres surgindo de repente na cidade, cumprindo promessas, realizando desfiles e procissões em homenagens aos santos católicos e instantaneamente desaparecendo, como se magicamente fossem diluídos na vida diária de Uberlândia.

BIBLIOGRAFIA

ABISSET, Anne Marie Granet. **O Historiador e a Fotografia**. In: Projeto História. São Paulo: Educ/PUC-SP. Tradução: Yara Aun Khoury.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectivas**. Uberlândia: UFU, jul/dez, 2001, jan/jul, 2002.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas no Brasil**. 3º Tomo. Edição Organizada por Oneida Alvarenga, 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Pró-memória, 1982.

ARROYO, Margarete. **Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical**. Um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música. UFRGS, 1999.

BITENCOURT, Circe. Capitalismo e Cidadania Nas Atuais Propostas Curriculares de História. In: **O Saber Histórico em Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. Campinas/SP: Papius Editora, 1989.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congada de Fé. Poemas**. Uberlândia: Gráfica Monteiro, 1998.

_____. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, 2001.

_____. RAMOS, Eduardo. **Congadas, Retratos de Resistência e Fé**. Brasília: Universidade do Triângulo, 2005.

BURKE, Peter. História Como Memória Social. In: **Variedades da História Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. In: **A Encenação do Popular**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARMO, Luis Carlos. **Função de Preto: Trabalho e Cultura de Trabalhadores Negros em Uberlândia/MG 1945/1960**. São Paulo, 2000. (Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica –PUC).

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol.19 nº 54. Fevereiro, 2004.

CERTEAU, Michel de. Os modos de proceder da criatividade cotidiana. In: _____ **A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DÂNGELO, Newton. **Aquele Povo Feliz, Que Ainda Não Sonhava com a Invenção do Rádio**: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana. Uberlândia: EDUFU, 2005.

ESPIG, Márcia Janet. **Limites e Possibilidades de Uma Nova História Cultural**. Juiz de Fora: EDUFJF, V. 4, nº 1, 1998.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular. In: **História e Perspectiva**, Nº 6 – Universidade Federal de Uberlândia, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Uma História do Tempo Presente é Possível? In: **Nossa História**, Ano 2/nº 14, dez/04. Biblioteca Nacional, 2004.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

GABARRA, Larissa Oliveira. **A Dança da Tradição**: Congado em Uberlândia/MG (Século XX). Uberlândia. Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. J. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. In: Iconologia: Caminhos da Interpretação. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento. In: **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Enciclopédia Einaudi. Vol. I, 1984.

LUCAS, Glaucia. **Os Sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo Refazer de Práticas e Representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Orgs). **História e Cultura**: espaços plurais. Uberlândia: UFU/NEHAC. Aspectus, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular**: em busca de um referencial conceitual. Cadernos de História. Uberlândia: Gráfica da UFU, V. 5, nº 5, jan/dez.1994.

MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de Família**: Famílias Afro-descendentes no Século XX em Uberlândia – MG. Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, Secretaria de Cultura, 2005.

MARTINS, Leda Maria . **Afrografias da Memória**: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva ; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MENDONÇA, Joseli Nunes. **Cenas da abolição**: escravos e senhores no parlamento e na justiça. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

MONTES, Lúcia Maria. As Figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado. In: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Vol 4.

NARDUCHI, Fernando. **Devoção a Nossa Senhora do Rosário**. Secretaria Municipal de Cultura: mimeógrafo, 1988.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Identidade e Dominação. identidade, raça e gênero no Brasil. In: _____. **O Sortilégio da Cor**. São Paulo: Summus, 2003.

NEVES, Guilherme Santos. Bandas de Congos. In: **Cadernos de Folclore**, Nº 30. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

NGOU-MVE, Nicolás. **El África Bantú Em Lá Colonización de México (1595 – 1640)**. Agência Española de Cooperación Internacional: Madrid, 1994.

POEL, Francisco Van Der. **O Rosário dos Homens Pretos**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz a História Oral Diferente. In: **Revista Projeto**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História da PUC-SP, nº 14, fev. 1997.

PRUDENTE, Celso. **Mãos Negras**: antropologia da arte negra. São Paulo: Editora Panorama do Saber, 2002.

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. Conselho Estadual da Cultura, 1976.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. Moçambique. In: Cadernos de Folclore, Nº 32. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, nº 19, set.1989/fev.1990.

SILVA, Ornato José. **Os Bantos no Brasil**. Organização de Tancredo da Silva Pinto. Rio de Janeiro: Revista Mironga, Ano X; Nº XII, 1977.

SILVA, Renata Nogueira. **Etnografia de Um Terno de Moçambique**: Ritual e Música na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Uberlândia-MG. Monografia. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

SOUZA, Marina de Melo. **Reis Negros no Brasil Escravista. História da Festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. **Tempos e Memórias: Caminhos Para o Sertanejo: Quem Conta Histórias?**. In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Olho D'água, 2004.

Imprensa Escrita

CHAVES, Frinéia. **Igreja do Rosário já tem recursos para reformas.** Uberlândia: Jornal Correio, 07/06/2006.

COELHO, Carlos Guimarães. **Uberlândia reverencia a partir de hoje, uma das mais ricas manifestações populares do país.** Uberlândia: Jornal Correio, 25/10/2005.

FRANCO, Alessandra. **Comunidade negra louva santos com grande festa:** grupos de congado, marujos, catupés e moçambiques se unem em desfile e missa. Uberlândia: Jornal Correio, 26/11/2003.

JORNAL Triângulo. **Congado: manifestação afro-brasileira viva nos uberlandenses.** Uberlândia: O Triângulo, 13/11/1999.

MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio.** Uberlândia: Jornal Correio, 29/01/2006.

MOREIRA, Gustavo. **Fé, louvor e liberdade.** Uberlândia: Jornal Correio, 17/05/2004.

MOREIRA, Gustavo. **Um registro sobre a cultura da cidade.** Uberlândia: Jornal Correio, 24/01/2006.

MUNDIM, Priscila. **Louvor e fé de pai para filho:** tambores soam neste domingo na de Congada de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Uberlândia: Jornal Correio, 10/10/2004.

OLIVEIRA, Vitor Hugo. **A Congada de Uberlândia:** Jornal Correio, 05/11/2002.

TIBÚRCIO, Luciana. **Uma Estrela Guia para os jovens do São Jorge:** com pouca ajuda, Pró-Mirim ensina profissões em oficinas semanais. Uberlândia: Jornal Correio, Revista, C. 2, 18/05/2006.

Videografia

1) ROSA ROSÁRIO AZUL

Direção: Alexandre Pereira França

Duração: 06 min.

Produção: Casa de Idéias, 1994.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

2) CONGADA – Moçambique do Oriente

Direção: Vitor Hugo de Oliveira

Duração: 10 min.

Fotografia: Laycer Tomaz, 1996.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

3) CONGADO - Documento

Produção: Fabíola Benfica Marra

Duração: 10 min.

Exibição: TV Universitária de Uberlândia, 2001.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

4) TERRA DE MINAS: As Congadas na cidade de Uberlândia.

Produção: Rede Globo Minas/TV Integração de Uberlândia/ 2002.

Duração: 10 min

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

5) REIS DE CONTAS : As Congadas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Direção: Waltuir Alves, 2003

Apresentação: Jeremias Brasileiro.

Produção: Projeto Encantar de Uberlândia

Duração : 58 min

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

6) MEMÓRIA DO CONGADO : Ternos de Congado de Uberlândia

Produção: Bloco Aché de Uberlândia

Roteiro e Texto: Jeremias Brasileiro

Duração: 10 min.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

7) CONGADAS EM RIO PARANAIBA: Luta, resistência e Preconceitos

Produção: TV Universitária de Uberlândia.

Roteiro, Direção e Edição: Jeremias Brasileiro, 2004.

Duração: 28 min.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

8) CHARQUEADA: Vida Salgada no Tempo

Direção: Waltuir Alves – 2004

Produção: Projeto Encantar de Uberlândia

Duração: 15 min.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

9) UBERCONGALÂNDIA: Moçambiques da Cidade.

Produção: Jeremias Brasileiro, 2005.

Duração: 14 min.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

10) FESTA POPULAR – CONGADA 2003: o ano de mudança da data da festa.

Produção: Espaço e Cultura/ Delfino Rodrigues, 2003.

Participação: Jeremias Brasileiro

Duração: 20 min.

Exibição: TV Universitária de Uberlândia em Novembro de 2003.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

11) TODO O PATRIMÔNIO: Imagens de depoimentos dos moradores do Bairro Patrimônio, abordando aspectos da década de 1940 até o século XXI.

Produção: Luciano Martins de Faria/2006.

Duração: 20 min.

Arquivo de Imagem e Som. Setor de Multi&Meios. Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

Entrevistas e Depoimentos

Antonio Pereira. Pesquisador, 08/10/2004.

Claudio Miro Ramos da Silva. Moçambique Raízes, 21/08/2005.

Fábio Vladimir. Festeiro, 10/10/2004.

Geraldo Cândido Ananias. Comandante Geral, 10/10/2004.

J.T.D. (depoimento em 03/10/2005).

José João. Congo Santa Ifigênia, 01/09/2005.

João Rodrigues. Bairro Patrimônio, 11/03/2006.

Manoel Rodrigues. Entrevista de Márcia Junqueira em 06/11/1984.

Neirimar da Silva. Moçambique Raízes, 21/08/2005.

Ocimar Cândido Ferreira. Moçambique Estrela Guia, 23/07/2005.

Olimar Rodrigues. Pároco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, 05/11/2003.

Ramon Rodrigues. Moçambique de Belém, 03/10/2005.

Ranulfo José Paulino. 15/11/1999.

Rubens Aparecido Assunção. Entrevista de Márcia Junqueira em 11/12/1987.